



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIODIVERSIDADE E
CONSERVAÇÃO**

Tamyris Pegado de Souza e Silva

**PRIMEIRA EVIDÊNCIA DE INGESTÃO DE
MICROPLÁSTICOS POR PEIXES DO ESTUÁRIO DO RIO
AMAZONAS**

Orientador: Prof. Dr. Tommaso Giarrizzo

ALTAMIRA - PA
JULHO – 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS ALTAMIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIODIVERSIDADE DE
CONSERVAÇÃO

Tamyris Pegado de Souza e Silva

PRIMEIRA EVIDÊNCIA DE INGESTÃO DE
MICROPLÁSTICOS POR PEIXES DO ESTUÁRIO DO RIO
AMAZONAS

Orientador: Prof. Dr. Tommaso Giarrizzo

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Pará, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Conservação para obtenção do título de Mestre em Biodiversidade e Conservação.

ALTAMIRA - PA
JULHO – 2018

Dedico este trabalho a minha mãe Rita Pegado, meu grande alicerce. Sempre de braços abertos quando preciso, compreende quando necessito de uma amiga mesmo que eu não diga com palavras, endurece quando preciso de uma lição. Sua força e amor me dirigem pela vida.

Sem água, sem vida. Sem azul, sem verde.

Sylvia Earle

Agradecimentos

Agradeço a Universidade Federal do Pará (UFPA) e ao Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Conservação (PPGBC) pela formação.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado.

Ao Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Norte (CEPNOR) pelo apoio logístico durante as amostragens dos peixes através do projeto “Shrimp NEN”.

Ao meu orientador prof. Dr. Tommaso Giarrizzo pela oportunidade, confiança e orientação que me foram dadas desde o primeiro momento.

Ao MSc Kurt Schmid pelos ensinamentos, imenso apoio e orientação em todas as etapas deste trabalho, sou imensamente grata por essa parceria.

Aos professores do programa pelo conhecimento fornecido ao longo das disciplinas cursadas.

Aos meus colegas do Laboratório de Biologia Pesqueira e Manejo dos Recursos Aquáticos, do Grupo de Ecologia Aquática – GEA Allan, Carine, Fabíola, Marcelo, Oliver, Paulo e Rory por sempre estarem dispostos a me auxiliar nas dúvidas, pela harmonia, pelos momentos de descontração, pelos almoços e sobremesas divididos. Destaco também a Priscilla por dividir os percalços da pesquisa com um pessimismo bem humorado que é só dela e que rendiam boas risadas. Desejo e torço pelo sucesso de todos.

Aos colegas que fiz no PPGBC e em Altamira pela grande ajuda e troca de experiências. Pode não parecer muita coisa, mas esses um pouco mais de três meses intervalados que passei lá foram inesquecíveis e engrandecedores tanto de forma profissional como pessoal. Queria agradecer especialmente à Brenda, Iluany, Karen, Leandra, Liriann e Samantha, grandes parceiras de futuros brilhantes.

Aos meus eternos amigos de oceano, obrigada por sempre estarem presentes dividindo as vitórias.

A minha mãe Rita Pegado, mulher incrivelmente guerreira, meu amor incondicional, que me enche de orgulho e admiração. Não poderia ser diferente, já que ela tem um espelho igualmente fantástico, minha avó Lays Pegado, mulher de fé

inabalável, doce e leal. Sou eternamente grata por essas grandes mulheres que me cercam de amor e ensinamentos.

Ao meu irmão André Pegado, ao meu pai Alcindo Silva, ao meu padrasto Expedito Menezes, ao meu avô Jurandir Barroso, minhas primas, primos, tias e tios amados, todos fundamentais em minha trajetória.

Ao meu namorado Alysson pela grande parceria ao longo desses anos, pelo apoio incondicional, pela serenidade, positividade e pelas palavras de força, encorajamento e confiança em todos os momentos que precisei. Sou grata também pela família dele que sempre me acolheu com imenso carinho.

A natureza de Deus em todas as formas universais.

Muito obrigada!

SUMÁRIO

Estrutura da dissertação	9
1. Introdução Geral	10
2. Objetivos	14
2.1 Geral	14
2.2 Específicos	14
Referências Bibliográficas.....	15
3. Capítulo 1	22

Resumo

Os detritos plásticos compõem de 60 a 80% dos detritos marinhos. A presença do material plástico no ambiente é visto como uma ameaça, uma vez que pode gerar casos de emaranhamento e ingestão pela fauna aquática. O objetivo do trabalho foi analisar a presença de itens microplásticos (< 5 mm) no trato gastrointestinal de espécies de peixes do estuário do rio Amazonas. Os peixes analisados fazem parte da fauna acompanhante do arrasto industrial do camarão. No laboratório os peixes foram identificados até o menor nível taxonômico, pesados e tiveram o comprimento total e padrão medidos. Posteriormente os peixes foram dissecados para a retirada do trato gastrointestinal, que foi medido e pesado antes e após a extração do conteúdo. Os conteúdos foram retirados e armazenados em potes com álcool 70% até o momento da análise no estereomicroscópio. Os itens alimentares foram identificados através de inspeção visual, separados, classificados e quantificados. Posteriormente os itens classificados como microplástico foram submetidos a uma análise física chamada Attenuated Total Reflectance – Fourier Transform Infrared (ATR-FTIR) para a confirmação de que eram plásticos e identificação dos polímeros que os compunham e então foram fotografados e medidos. No total, 228 partículas de microplástico foram encontradas no trato gastrointestinal de 26 indivíduos que pertenciam a 14 espécies, ou seja, 30% dos indivíduos analisados. Os itens microplásticos foram categorizados como pellets (97.4%), tecidos (1.3%), fios (0.9%) e fragmentos (0.4%) que variaram em tamanho entre 0.38 a 4.16 mm. Houve uma correlação positiva entre o comprimento padrão dos peixes e o número de partículas microplásticas encontradas no trato gastrointestinal. Os principais polímeros identificados pelo ATR-FTIR foram poliamida, rayon (um polímero semi-sintético) e polietileno. Esses resultados fornecem a primeira evidência de contaminação por microplástico na biota pertencente ao estuário amazônico e a costa Norte do Brasil.

Palavras chave: Poluição aquática, Microplásticos, Peixes, Estuário, rio Amazonas.

Abstract

Plastic debris makes up 60 to 80% of the marine debris. The presence of the plastic items in the environment is seen as a threat, since it can generate cases of entanglement and ingestion by the aquatic fauna. Plastics can be classified according to their size, being separated into macroplastics (> 25 mm), mesoplastics (5 - 25 mm) and microplastics (< 5 mm). The objective of this study was to analyze the presence of microplastic items in the gastrointestinal tract of fish species from the Amazon River estuary. The fish analyzed are part of the bycatch fauna of the industrial shrimp trawling. In the laboratory the fishes were identified to the lowest taxonomic level, weighed and had the total and standard length measured. Subsequently the fishes were dissected for the removal of the gastrointestinal tract, which was measured and weighed before and after the extraction of the contents. The contents were removed and stored in pots with 70% alcohol until the moment of analysis in the stereomicroscope. Food items were identified through visual inspection, separated, classified and quantified. Subsequently the items classified as microplastic were submitted to a physical analysis called Attenuated Total Reflectance - Fourier Transform Infrared (ATR-FTIR) for the confirmation that they were plastics and identification of the polymers that composed them and then they were photographed and measured. In total, 228 microplastic particles were found in the gastrointestinal tract of 26 individuals belonging to 14 species, or 30% of the individuals analyzed. The microplastic items were categorized as pellets (97.4%), tissues (1.3%), thread (0.9%) and fragments (0.4%) that ranged in size from 0.38 to 4.16 mm. There was a positive correlation between the standard fish length and the number of microplastic particles found in the gastrointestinal tract. The main polymers identified by the ATR-FTIR were polyamide, rayon (a semi-synthetic polymer) and polyethylene. These results provide the first evidence of microplastic contamination in the biota belonging to the Amazon estuary and the northern coast of Brazil.

Keywords: Aquatic pollution, Microplastics, Fishes, Estuary, Amazon River.

Estrutura da dissertação

A dissertação intitulada “**Primeira evidência de ingestão de microplásticos por peixes do estuário do rio Amazonas**” foi elaborada em formato de artigo, de acordo com a Instrução Normativa 01/2016 do Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Conservação da Universidade Federal do Pará, sendo composta por uma introdução geral, objetivos e capítulo 1. O produto da dissertação é um artigo científico publicado na revista internacional Marine Pollution Bulletin, qualis A1, fator de impacto 3.241, volume 133, páginas 814-821.

1. Introdução Geral

Os plásticos são definidos como materiais orgânicos poliméricos sintéticos originados de vários monômeros comumente extraídos de petróleo (Güven et al., 2017), sendo 8% da produção mundial deste recurso utilizada para a fabricação de material plástico (Thompson et al., 2009). Este tipo de material apresenta propriedades, tais como flexibilidade e durabilidade, que oferecem vantagens para sua fabricação e consumo (Andrady e Neal, 2009). No entanto, essas mesmas propriedades impedem uma biodegradação no ambiente gerando um grave problema ambiental (Barnes et al., 2009). Sua produção é intensa, uma vez que países, tanto desenvolvidos quanto subdesenvolvidos, adotam o uso e descarte (Phillips e Bonner, 2015).

Nas últimas décadas, os detritos plásticos têm sido encontrados em todos os oceanos como resultados da atividade industrial, hábitos de consumo e da má gestão dos resíduos (Thompson et al., 2009; Phillips e Bonner, 2015; Jambeck et al., 2015). Cerca de 50% dos produtos plásticos são descartados no prazo de um ano após a sua produção (Hopewell et al., 2009) e até 5% acaba no oceano, onde persiste e acumula (Jambeck et al., 2015). Os resíduos de plástico compõem de 60 a 80% de todos os detritos marinhos (Gregory e Ryan, 1997; Barnes et al., 2009) e são dispersos através de correntes oceânicas e padrões de vento, contribuindo para sua manifestação global (Barnes et al., 2009; Lebreton et al., 2012).

Em sua maioria, os detritos plásticos no ambiente marinho provêm do continente (Thompson et al., 2009; Browne et al., 2010; Andrady, 2011; Jambeck et al., 2015), onde são descartados diretamente ao longo da costa ou nos rios, carreando plásticos de áreas urbanizadas e/ou industrializadas até o oceano (Moore et al., 2011; Lechner et al., 2014; Morritt et al., 2014; Mani et al., 2015). Logo, além dos ambientes oceânicos, os plásticos também são encontrados em praias, mangues e estuários, nos mais diversos formatos e tamanhos (pellets e detritos) (Costa et al., 2009; Ivar do Sul et al., 2009; Carvalho-Souza e Tinôco, 2011; Mordecai et al., 2011, Vieira et al., 2011).

Além da distribuição mundial, os detritos plásticos também estão distribuídos ao longo de toda coluna d'água, dependendo de sua densidade específica. Plásticos de baixa densidade como compostos de polipropileno ou polietileno, por exemplo, são encontrados predominantemente na superfície d'água, embora plásticos flutuantes possam sofrer bioincrustação e afundar (Andrady, 2011; Zettler et al., 2013; Cózar et al., 2015). Materiais de alta densidade, como o policloreto de vinila (PVC), poliéster ou poliamidas, afundam (Barnes et al., 2009; Andrady, 2011). Em longo

prazo, o plástico é degradado, em pedaços menores principalmente pela erosão mecânica, devido à ação das ondas e do vento, pela abrasão física contra as partículas de sedimento ou pela radiação solar, ao passo que a degradação química existente é considerada lenta em relação às demais (Moore, 2008; Barnes et al., 2009).

Detritos plásticos são comumente classificados pela ciência com base em seu tamanho (diâmetro), distinguindo entre macroplásticos (>25 mm) e microplástico (<5 mm) (GESAMP, 2015) e mais recentemente, mesoplásticos (5-25 mm) (Jabeen et al., 2017). Os microplásticos são classificados de acordo com a sua origem, sendo os primários aqueles de tamanho pequeno, utilizados na produção de pastilhas de resina, produtos de limpeza, cosméticos e médicos. Geralmente, estas partículas microplásticas são comercializadas como "micro-esferas" ou "micro-esfoliantes" (Fendall e Sewell, 2009). Por sua vez, os secundários resultam da fragmentação de objetos maiores (Thompson et al., 2004; Cole et al., 2011). A composição dos microplásticos pode variar em forma, tamanho e composição dependendo do produto (Fendall e Sewell, 2009), sendo os tipos mais comuns de microplástico o polietileno de alta densidade (HDPE), polietileno de baixa densidade (LDPE), polietileno tereftalato (PET) polipropileno (PP), poliestireno (PS), cloreto de polivinilo (PVC) e poliamida (PA) (Güven et al., 2017).

Um dos tipos de microplástico comumente encontrados são os "pellets". Estes são classificados como microplásticos primários, utilizados como matéria-prima para a fabricação de materiais plásticos, apresentando forma cilíndrica ou discoidal com diâmetro máximo de 5 mm (Ogata et al., 2009). Os "pellets" normalmente são encontrados na cor branca, translúcidos quando novos, podendo descolorir com a ação da luz solar ou pela acumulação de partículas biogênicas e antropogênicas (Endo et al., 2005). Havendo também a possibilidade de alteração na sua coloração pelas enzimas digestivas nos estômagos dos peixes (Miranda e Carvalho-Souza, 2016). Bem como os outros tipos de plástico, estes apresentam característica hidrofóbica, podendo atuar como vetores de contaminantes orgânicos (Mato et al., 2001; Karapanagioti e Klontza 2008; Colabuono et al., 2010) e metais pesados (Holmes et al., 2012). Teuten et al. (2009) afirma que o potencial de bioacumulação de toxinas em toda a cadeia alimentar está sendo potencializado pela ingestão de microplástico.

A ampla distribuição de material plástico no ambiente marinho ameaça a biota de diferentes formas, principalmente pelos impactos do emaranhamento de animais maiores e a sua introdução na cadeia trófica através da ingestão por vários organismos, desde zooplâncton até predadores de topo (Fossi et al., 2012; Cole et al., 2013; Ivar do Sul e Costa, 2014). A ingestão

pode gerar efeitos diretos e sub-letais, como, por exemplo, a redução da eficiência reprodutiva, o comprometimento da capacidade de alimentação, lacerações, ulcerações (Laist, 1997; Derraik, 2002; Moore, 2008; Gregory, 2009) e a possível exposição a poluentes adsorvidos na superfície de partículas plásticas (Tanaka et al., 2013; Chua et al., 2014; Lavers et al., 2014; Lavers e Bond, 2016).

Os incidentes registrados entre a fauna marinha e detritos de plástico aumentaram em aproximadamente 75% nas últimas duas décadas, de 267 espécies em 1997 (Laist, 1997) para 693 espécies em 2015 (Gall e Thompson, 2015). A biodisponibilidade dos microplásticos é maior do que a dos macroplásticos, especialmente em peixes que ingerem plástico durante a atividade normal de alimentação (Jabeen et al., 2017). Esses animais se alimentam na coluna d'água ou no ambiente bentônico (Browne et al., 2010a, 2010b) e a ingestão pode acontecer de forma direta, através da captação incidental de microplásticos confundidos com alimento, ou de maneira indireta, quando a presa ingerida já contém microplástico (Wright et al., 2013).

Os microplásticos estão amplamente espalhados por toda a coluna d'água e devido a sua coloração atraente, diferentes formas e pequeno tamanho são facilmente ingeridos por peixes (Jovanovic, 2017). Os peixes são considerados um dos maiores e mais diversos grupos de animais e apresentam indiscutível importância ecológica e econômica (Nelson, 2006), o que gera preocupação, uma vez que já foi relatada ingestão de plástico para muitas famílias diferentes de peixes (e.g. Ariidae, Gerreidae, Sciaenidae, Pimelodidae) em ecossistemas costeiros e oceânicos (Cardozo et al., 2018) e em aproximadamente 150 espécies (Jabeen et al., 2017).

O material plástico pode afetar negativamente os peixes nas suas diferentes fases de vida, como nas fases juvenil (De Sa et al., 2015) e adulta (Rochman et al., 2013). Experimentos em laboratório também confirmam os impactos negativos do plástico para os peixes (Rochman et al., 2013; Pedà et al., 2016). O nível de poluição local e a estratégia de alimentação dos peixes são fatores importantes que implicam na ingestão de microplástico por este grupo (Romeo et al., 2015; Battaglia et al., 2016).

A ingestão de detritos antropogênicos por animais marinhos pode afetar a saúde humana através do amplo consumo de diversas espécies, no entanto essas implicações ainda não são bem compreendidas. Porém, acredita-se que a ingestão de partículas de plástico, além de causar estresse químico devido às múltiplas vias de exposição, também pode induzir respostas imunotoxicológicas, alterar a expressão gênica e causar morte celular, entre outros efeitos devido

ao estresse físico causado pela interação da partícula com o tecido do organismo (Seltenrich, 2015).

Recentemente, estudos vêm sendo realizados globalmente a fim de avaliar a ocorrência da ingestão de microplástico em peixes, em sua maioria no hemisfério Norte (Boerger et al., 2010; Phillips e Bonner, 2015; Petters e Bratton, 2016), principalmente na Europa (Lusher et al., 2012; Foekema et al., 2013; Sanchez et al., 2014; Neves et al., 2015; Bellas et al., 2016; Nadal et al., 2016, McGoran et al., 2017). No Brasil também há trabalhos tratando do assunto. Ramos et al. (2012) analisaram 3 espécies de peixe do estuário do rio Goiana/Pernambuco. Nesse estudo, 13.4 % apresentaram fragmentos de nylon no estômago. No estudo realizado por Miranda e Carvalho-Souza (2016) na costa da cidade de Salvador/Bahia, foram analisados 32 espécimes de peixe pertencentes a 11 espécies de nove famílias. Em duas espécies foi identificada a ingestão de detritos plásticos, havendo ocorrência de pellets em 22 % dos estômagos e este foi o único tipo de material plástico encontrado. Silva-Cavalcanti et al. (2017) analisaram os tratos digestivos de 48 peixes de uma única espécie proveniente do rio Pajeú/Pernambuco e a ocorrência de microplástico foi de 83%. No entanto, diversas regiões, incluindo a região norte do Brasil, carecem de estudos que abordem a ingestão de microplásticos em peixes.

A região da costa Norte detém um sistema marinho que sofre influência da Corrente Norte do Brasil (CBN), dos ventos alísios, das oscilações de marés e da grande descarga do rio Amazonas (Silva et al., 2005). Essas ações combinadas moldam as características hidrográficas e processos biológicos (Santos et al., 2012). O grande aporte continental do rio Amazonas, através do fornecimento de sedimentos e nutrientes favorecem a abundância de peixes e crustáceos (Isaac et al., 1992). É uma região altamente dinâmica, a maior zona estuarina do mundo (Nittrouer et al., 1991) e mais recentemente foi mapeado um extenso ambiente recifal na foz do rio Amazonas (Moura et al., 2016).

A costa Norte apresenta destaque na pesca não só pela riqueza de espécies, mas também pela quantidade de pescado e intenso consumo da população tradicional (Barthem e Fabré, 2004). Lopes et al. (2016) confirmaram o intenso consumo de pescado pela população do norte, onde 70% dos entrevistados preferem o peixe como fonte de proteína. A costa Norte é responsável por 28% do desembarque total nacional, destacando-se o Pará, como o segundo maior pólo de desembarque de pescado no país (IBAMA, 2005). Tendo em vista os possíveis impactos do microplástico e a grande importância ecológica e econômica da região, é interessante que sejam

realizadas investigações na ingestão deste tipo de material pela fauna aquática da costa Norte do Brasil.

2. Objetivos

2.1 Geral

Analisar a presença de itens microplásticos no trato gastrointestinal de espécies de peixes provenientes da Costa Norte do Brasil, mais precisamente no estuário do rio Amazonas.

2.2 Específicos

- Identificar os tipos de polímeros que compõe os microplásticos ingeridos pelas espécies de peixe do estuário do rio Amazonas;
- Identificar se há relação entre os parâmetros biométricos dos peixes (comprimento padrão e peso) e a quantidade de microplástico ingerida;
- Identificar se há relação entre o nível trófico dos peixes e a quantidade de microplástico ingerida.

Referências Bibliográficas

Andrady, A. L.; Neal, M. A. Applications and societal benefits of plastics. 2009. *Philos. Trans. R. Soc. Lond. Ser. B Biol. Sci.*, 364, 1977–1984.

Andrady, A.L. Microplastics in the marine environment. 2011. *Mar. Pollut. Bull.*, 62: 1596–1605.

Barnes, D. K. A. ; Galgani, F. ; Thompson, R. C.; Barlaz, M. Accumulation and fragmentation of plastic debris in global environments. 2009. *Philos. Trans. R. Soc. Lond. Ser. B Biol. Sci.*, 364, 1985–1998.

Barthem, R. B.; Fabr e, N. N. Biologia e diversidade dos recursos pesqueiros na Amazônia. In: Mauro Luis Ruffino. (Org.). A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia brasileira. Manaus: Provarzeia. p. 11-55, 2004.

Battaglia, P.; P eda, C.; Musolino, S.; Esposito, V.; Andaloro, F.; Romeo, T. Diet and first documented data on plastic ingestion of *Trachinotus ovatus* L. 1758 (Pisces: carangidae) from the Strait of Messina (central Mediterranean Sea). 2016. *It. J. Zool.*, 83, 121-129.

Bellas, J.; Martínez-Armental, J.; Martínez-Camara, A.; Besada, V.; Martínez-G mez, C. Ingestion of microplastics by demersal fish from the Spanish Atlantic and Mediterranean coasts. 2016. *Mar. Pollut. Bull.*, 109, 55–60.

Boerger, C. M.; Lattin, G. L.; Moore, S. L.; Moore, C. J. Plastic ingestion by planktivorous fishes in the North Pacific Central Gyre. 2010. *Mar. Pollut. Bull.*, 60, 2275–2278.

Browne, M. A.; Galloway, T. S.; Thompson, R. C. Spatial patterns of plastic debris along estuarine shorelines. 2010a. *Environ. Sci. Technol.*, 44, 3404–3409.

Browne, M. A.; Dissanayake, A.; Galloway, T. S.; Lowe, D. M.; Thompson, R. C. Ingested Microscopic Plastic Translocates to the Circulatory System of the Mussel, *Mytilus edulis* (L.). 2010b. *Environ. Sci. Technol.*, 42, 5026–5031.

Cardozo, A. L. P.; Farias, E. G. G.; Rodrigues-Filho, J. L.; Moteiro, I. B.; Scandolo, T. M.; Dantas, D. V. Feeding ecology and ingestion of plastic fragments by *Priacanthus arenatus*: What's the fisheries contribution to the problem?. 2018. *Mar. Pollut. Bull.*, 130, 19-27.

Carvalho-Souza, G. F.; Tinôco, M. S. Avalia o do lixo marinho em costões rochosas na Ba ia de Todos os Santos, Bahia, Brasil. 2011. *Rev. Gestão Costeira Integrada*, 11, 135–143.

Chua, E. M.; Shimeta, J.; Nugegoda, D.; Morrison, P. D.; Clarke, B. O. Assimilation of polybrominated diphenyl ethers from microplastics by the marine amphipod, *Allorchestes compressa*. 2014. *Environ. Sci. Technol. Lett.*, 48, 8127–8134.

Colabuono, F. E.; Taniguchi, S.; Montone, R. C. Polychlorinated biphenyls and organochlorine pesticides in plastics ingested by seabirds. 2010. *Mar. Pollut. Bull.*, 60, 630–634.

Cole, M.; Lindeque, P.; Halsband, C.; Galloway, T. S. Microplastics as contaminants in the marine environment: a review. 2011. *Mar. Pollut. Bull.*, 62, 2588–2597.

Cole, M.; Lindeque, P.; Fileman, E.; Halsband, C.; Goodhead, R.; Moger, J.; Galloway, T. S. Microplastic ingestion by zooplankton. *Environ. Sci. Technol.*, 47, 6646–6655.

Costa, M. F.; Ivar do Sul, J. A.; Silva-Cavalcanti, J. S.; Araújo, M. C. B.; Spengler, A.; Tourinho, P. S. On the importance of size of plastic fragments and pellets on the strandline: a snapshot of a Brazilian beach. 2009. *Environ. Monit. Assess.*, 168, 299–304.

Cózar, A.; Sanz-Martín, M.; Martí, E.; González-Gordillo, J. I.; Ubeda, B.; Gálvez, J. Á.; Irigoien, X.; Duarte, C. M. Plastic accumulation in the Mediterranean Sea. 2015. *PLoS One*, 10, e0121762.

Derraik, J.G. B. The pollution of the marine environment by plastic debris: a review. 2002. *Mar. Pollut. Bull.*, 44, 842–852.

De Sa, L. C.; Luís, L.G.; Guilhermino, L. Effects of microplastics on juveniles of the common goby (*Pomatoschistus microps*): confusion with prey, reduction of the predatory performance and efficiency, and possible influence of developmental conditions. 2015. *Environ. Pollut.*, 196, 359–362.

Endo, S.; Takizawa, R.; Okuda, K.; Takada, H.; Chiba, K.; Kanehiro, H.; Ogi, H.; Yamashita, R.; Date, T. Concentration of polychlorinated biphenyls (PCB) in beached resin pellets: variability among individual particles and regional differences. 2005. *Mar. Pollut. Bull.*, 50, 1103–1114.

Fendall, L. S.; Sewell, M. A. Contributing to marine pollution by washing your face: microplastics in facial cleansers. 2009. *Mar. Pollut. Bull.*, 58, 1225–1228.

Foekema, E. M.; De Gruijter, C.; Mergia, M. T.; Van Franeker, J. A.; Murk, A. J.; Koelmans, A. A. Plastic in North Sea fish. 2013. *Environ. Sci. Technol.*, 47, 8818–8824.

Fossi, M. C.; Panti, C.; Guerranti, C.; Coppola, D.; Giannetti, M.; Marsili, L.; Minutoli, R. Are baleen whales exposed to the threat of microplastics? A case study of the Mediterranean fin whale (*Balaenoptera physalus*). 2012. *Mar. Pollut. Bull.*, 64, 2374–2379.

Gall, S.; Thompson, R. The impact of debris on marine life. 2015. *Mar. Pollut. Bull.*, 92, 170–179.

GESAMP (2015). “Sources, fate and effects of microplastics in the marine environment: a global assessment” (Kershaw, P. J., ed.). (IMO/FAO/UNESCO-IOC/UNIDO/WMO/IAEA/UN/UNEP/UNDP Joint Group of Experts on the Scientific Aspects of Marine Environmental Protection). Rep. Stud. GESAMP No. 90, 96 p.

Gregory, M. R.; Ryan, P. G. Pelagic plastics and other seaborne persistent synthetic debris: a review of Southern Hemisphere perspectives. In: Coe, J.M., Rogers, D.B. (Eds.), *Marine Debris—Sources, Impacts and Solutions*. SpringerVerlag, New York, pp. 49–66. 1997.

Gregory, M. R. Environmental implications of plastic debris in marine settings—entanglement, ingestion, smothering, hangers-on, hitch-hiking and alien invasions. 2009. *Philos. Trans. R. Soc. Lond. B. Biol. Sci.*, 364, 2013–2025.

Güven, O.; Gökdağ, K.; Jovanovic, B.; Kideys, A. E. Microplastic litter composition of the Turkish territorial waters of the Mediterranean Sea, and its occurrence in the gastrointestinal tract of fish. 2017. *Environ. Pollut.*, 223, 286–294.

Holmes, L. A.; Turner, A.; Thompson, R. C. Adsorption of trace metals to plastic resin pellets in the marine environment. 2012. *Environ. Pollut.*, 160, 42–48.

Hopewell, J.; Dvorak, R.; Kosior, E. Plastics recycling: challenges and opportunities. 2009. *Philos. Trans. Roy. Soc. B: Biol. Sci.*, 364, 2115–2126.

IBAMA. Estatística pesqueira Nacional: 200. MMA, IBAMA, 2005.

Isaac, V. J.; Dias Neto, J.; Damasceno, F. G. *Biologia, dinâmica de populações e administração pesqueira do camarão rosa *Penaeus subtilis* da região norte do Brasil*. Brasília, Série de Estudos de Pesca, Coleção Meio Ambiente, p. 187, 1992.

Ivar do Sul, J. A.; Spengler, A.; Costa M. F. Here, there and everywhere. Small plastic fragments and pellets on beaches of Fernando de Noronha (Equatorial Western Atlantic). 2009. *Mar. Pollut. Bull.*, 58, 1229–1244.

Ivar do Sul, J. A.; Costa, D.M.F. The present and future of microplastic pollution in the marine environment. 2014. *Environ. Pollut.*, 185, 352–364.

Jambeck, J. R.; Geyer, R.; Wilcox, C.; Siegler, T. R.; Perryman, M.; Andrady, A.; Narayan, R.; Law, K. L. Plastic waste inputs from land into the ocean. 2015. *Science* 347, 768–771.

Jabeen, K.; Su, L.; Li, J.; Yang, D.; Tong, C.; Mu, J.; Shi, H. Microplastics and mesoplastics in fish from coastal and fresh waters of China. 2017. *Environ. Pollut.*, 221, 141-149.

Jovanovic, B. Ingestion of Microplastics by Fish and Its Potential Consequences from a Physical Perspective. 2017. *Integr. Environ. Assess. Manag.*, 13, 505-515.

Karapanagioti, H. K.; Klontza, I. Testing phenanthrene distribution properties of virgin plastic pellets and plastic-eroded pellets found on Lesbos island beaches (Greece). 2008. *Mar. Environ. Res.*, 65, 283–290.

Laist, D. W. Impacts of marine debris entanglement of marine life in marine debris including a comprehensive list of species with entanglement and ingestion records. In: Coe, J.M., Rogers, D.B. (Eds.), *Marine Debris—Sources, Impact and Solutions*. Springer-Verlag, New York, pp. 99–139. 1997.

Lavers, J. L.; Bond, A. L.; Hutton, I. Plastic ingestion by flesh-footed shearwaters (*Puffinus carneipes*): implications for chick body condition and the accumulation of plastic-derived chemicals. 2014. *Environ. Pollut.*, 187, 124–129.

Lavers, J. L.; Bond, A. L. Ingested plastic as a route for trace metals in Laysan Albatross (*Phoebastria immutabilis*) and Bonin Petrel (*Pterodroma hypoleuca*) from Midway Atoll. 2016. *Mar. Pollut. Bull.*, 110, 493-500.

Lebreton, L. C. M.; Greer, S. D.; Borrero, J. C. Numerical modelling of floating debris in the world's oceans. 2012. *Mar. Pollut. Bull.*, 64, 653–661.

Lechner, A.; Keckeis, H.; Lumesberger-Loisl, F.; Zens, B.; Krusch, R.; Tritthart, M.; Glas, M.; Schludermann, E. The Danube so colourful: a potpourri of plastic litter out numbers fish larvae in Europe's second largest river. 2014. *Environ. Pollut.*, 188:177–181.

Lopes, I. G.; De Oliveira, R. G.; Ramos, F. M. Perfil do consumo de peixes pela população brasileira. 2016. *Biota Amazônia*, 6, 62-65.

Lusher, A.L.; McHugh, M.; Thompson, R. C. Occurrence of microplastics in the gastrointestinal tract of pelagic and demersal fish from the English Channel. 2012. *Mar. Pollut. Bull.*, 67, 94-99.

Mani, T.; Hauk, A.; Walter, U.; Burkhardt-Holm, P. Microplastics profile along the Rhine River. 2015. *Sci. Rep.*, 5:17988.

Mato, Y.; Isobe, T.; Takada, H.; Kanehiro, H.; Ohtake, C.; Kaminuma, T. Plastic resin pellets as a transport medium toxic chemicals in the marine environment. 2001. *Environ. Sci. Technol.*, 35, 318–324.

McGoran, A. R.; Clark, P. F.; Morritt, D. Presence of microplastic in the digestive tracts of European flounder, *Platichthys flesus*, and European smelt, *Osmerus eperlanus*, from the River Thames. 2017. Environ. Pollut., 220, 744-751.

Miranda, D. A.; Carvalho-Souza, G. F. Are we eating plastic-ingesting fish? 2016. Mar. Pollut. Bull., 103, 109-114.

Moore, C. J. Synthetic polymers in the marine environment: a rapidly increasing long-term threat. 2008. Environ. Res., 108, 131-139.

Moore, C. J.; Lattin, G. L.; Zellers, A. F. Quantity and type of plastic debris flowing from two urban rivers to coastal waters and beaches of Southern California. 2011. JICZM/RGCI 11, 65-73.

Mordecai, G.; Tyler, P. A.; Masson, D. G.; Huvenne, V.A. I. Litter in submarine canyons off the west coast of Portugal. 2011. Deep Sea Res. II Top. Stud. Oceanogr., 58, 2489-2496.

Morritt, D.; Stefanoudis, P. V.; Pearce, D.; Crimmen, O. A.; Clark, P. F. Plastic in the Thames: a river runs through it. 2014. Mar. Pollut. Bull., 78, 196-200.

Moura, R. L.; Amado-Filho, G. M.; Moraes, F. C.; Brasileiro, P. S.; Salomon, P. S.; Mahiques, M. M.; Bastos, A. C.; Almeida, M. G.; Silva-Jr, J. M.; Araújo, B. F.; Brito, F. P.; Oliveira, B. C. V.; Bahia, R. G.; Paranhos, R. P.; Dias, R. J. S.; Siegle, R.; Figueiredo-Jr, A. B. G.; Pereira, R. C.; Leal, C. V.; Hajdu, E.; Asp, N. E.; Gregoracci, G. B.; Neumann-Leitão, S.; Yager, P. L.; Francini-Filho, R. B.; Fróes, A.; Campeão, M.; Silva, B. S.; Moreira, A. P. B.; Oliveira, L.; Soares, A. C.; Araújo, L.; Oliveira, N. L.; Teixeira, J. B.; Valle, R. A. B.; Thompson, C. C.; Rezende, C. E.; Thompson, F. L. An extensive reef system at the Amazon River mouth. 2016. Sci. Adv., 2, e1501252.

Nadal, M. A.; Alomar, C.; Deudero, D. High levels of microplastic ingestion by the semipelagic fish bogue *Boops boops* (L.) around the Balearic Islands. 2016. Environ. Pollut., 214, 517-523.

Nelson, J. S., 2006. Fishes of the World. Fourth ed. John Wiley and Sons, Inc., New York. 601pp.

Neves, D.; Sobral, P.; Ferreira, J. L.; Pereira, T. Ingestion of microplastics by commercial fish off the Portuguese coast. 2015. Mar. Pollut. Bull., 101, 119-126.

Nittrouer, C. A.; Demaster, D. J.; Figueiredo, A. G.; Rine, J. AMASSEDS: an interdisciplinary investigation of a complex coastal environment. 1991. Oceanography, 4, 3-7.

Ogata, Y.; Takada, H.; Mizukawa, K.; Hirai, H.; Iwasa, S.; Endo, S.; Mato, Y.; Saha, M.; Okuda, K.; Nakashima, A.; Murakami, M.; Zurcher, N.; Booyatumanondo, R.; Zakaria, M. P.; Dung, L. Q.; Gordon, M.; Miguez, C.; Suzuki, S.; Moore, C.; Karapanagioti, H. K.; Weerts, S. International Pellet Watch: global monitoring of persistent organic pollutants (POP's) in coastal waters. 1. Initial phase data on PCBs, DDTs, and HCHs. 2009. Mar. Pollut. Bull., 58, 1437–1446.

Pèda, C.; Caccamo, L.; Fossi, M. C.; Gai, F.; Andaloro, F.; Genovese, L.; Perdichizzi, A.; Romeo, T.; Maricchiolo, G. Intestinal alterations in European sea bass *Dicentrarchus labrax* (Linnaeus, 1758) exposed to microplastics: Preliminary results. 2016. Environ. Pollut., 212, 251-256.

Petters, C. A.; Bratton, S. P. Urbanization is a major influence on microplastic ingestion by sunfish in the Brazos River Basin, Central Texas, USA. 2016. Environ. Pollut., 210, 380-387.

Phillips, M.B.; Bonner, T.H. Occurrence and amount of microplastic ingested by fishes in watersheds of the Gulf of Mexico. 2015. Mar. Pollut. Bull., 100, 264–269.

Ramos, J. A. A.; Barletta, M.; Costa, M. F. Ingestion of nylon threads by Gerreidae while using a tropical estuary as foraging grounds. 2012. Aquat. Biol., 17, 29–34.

Rochman, C.; Hoh, E.; Kurobe, T.; Teh, S. Ingested plastic transfers hazardous chemicals to fish and induces hepatic stress. 2013. Sci. Rep., 3, 3263.

Romeo, T.; Battaglia, P.; Pèda, C.; Consoli, P.; Andaloro, F.; Fossi, M. C. First evidence of presence of plastic debris in stomach of large pelagic fish in the Mediterranean Sea. 2015. Mar. Pollut. Bull., 95, 358-361.

Sanchez, W.; Bender, C.; Porcher, J. M. Wild gudgeons *Gobio gobio* from French rivers are contaminated by microplastics: preliminary study and first evidence. 2014. Environ. Res., 128, 98-100.

Santos, M. de L. S.; Eschirique, S. A.; Pereira, J. A. R.; De Melo, N. F. A. C.; Palheta, G. D. A.; De Souza, R. A. L.; Saraiva, A. L. de L. Estudo Nictemeral de Parâmetros Físicos e Químicos na Plataforma Continental do Amazonas. 2012. Bol. Téc. Cient. Cepnor, 12, 25 – 33.

Seltenrich, N. New link in the food chain? Marine plastic pollution and seafood safety. 2015. Environ. Health Persp., 123, A34.

Silva, A. C.; Araújo, M.; Bourlès, B. Variação sazonal da estrutura de massas de água na Plataforma Continental do Amazonas e área oceânica adjacente. 2005. Rev. Bras. Geof., 23, 145-157.

Silva-Cavalcanti, J. S.; Silva, J. D. B.; França, E. J.; Araújo, M. C. B.; Gusmão, F. Microplastics ingestion by a common tropical freshwater fishing resource. 2017. *Environ. Pollut.*, 221, 218-226.

Tanaka, K.; Takada, H.; Yamashita, R.; Mizukawa, K.;Fukuwaka, M.; Watanuki, Y. Accumulation of plastic-derived chemicals in tissues of seabirds ingesting marine plastics. 2013. *Mar. Pollut. Bull.*, 69, 219–222.

Teuten, E. L.; Saquing, J. M.; Knappe, D.R. U.; Barlaz, M. A.; Jonsson, S.; Bjorn, A.; Rowland, S. J.; Thompson, R. C.; Galloway, T. S.; Yamashita, R.; Ochi, D.; Watanuki, Y.; Moore, C.; Viet, P. H.; Tana, T. S.; Prudente, M.; Boonyatumanond, R.; Zakaria, M. P.; Akkhavong, K.; Ogata, Y.; Hirai, H.; Iwasa, S.; Mizukawa, K.; Hagino, Y.; Imamura, A.; Saha, M.; Takada, H. Transport and release of chemicals from plastics to the environment and to wildlife. 2009. *Philos. Trans. R. Soc. Lond. Ser. B Biol. Sci.*, 364, 2027-2045.

Thompson, R. C.; Olsen, Y.; Mitchell, R. P.; Davis, A.; Rowland, S. J.; John, A.W. G.; McGonigle, D.; Russell, A.E. Lost at sea: where is all the plastic? 2004. *Science*, 304, 838.

Thompson, R.C., Moore, C.J., VomSaal, F.S., Swan, S. H. Plastics, the environment and human health: current consensus and future trends. 2009. *Philos. Trans. R. Soc. B Biol. Sci.* 364, 2153–2166.

Vieira, B.P.; Dias, D.; Hanazaki, N. Homogeneidade de Encalhe de Resíduos Sólidos em um Manguezal da Ilha de Santa Catarina, Brasil. 2011. *Rev. Gestão Costeira Integr.*, 11, 21–30.

Wright, S. L.; Thompson, R. C.; Galloway, T. S. The physical impacts of microplastics on marine organisms: a review. 2013. *Environ. Pollut.*, 178, 483-492.

Zettler, E. R.; Mincer, T. J.; Amaral-Zettler, L. A. Life in the “plastisphere”: microbial communities on plastic marine debris. 2013. *Environ. Sci. Technol.*, 47, 7137–7146.

3. Capítulo 1

Este capítulo está formatado nas normas da revista “Marine Pollution Bulletin”, disponível em: <https://www.elsevier.com/journals/marine-pollution-bulletin/0025-326x/guide-for-authors>.

ARTIGO

First evidence of microplastic ingestion by fishes from the Amazon River estuary

First evidence of microplastic ingestion by fishes from the Amazon River estuary

Tamyris Pegado de Souza e Silva¹, Kurt Schmid¹, Kirk O. Winemiller², David Chelazzi³,
Alessandra Cincinelli^{3,4}, Luigi Dei^{3,4}, Tommaso Giarrizzo¹.

¹Laboratório de Biologia Pesqueira e Manejo dos Recursos Aquáticos, Universidade Federal do Pará, Av. Perimetral 2651, Terra Firme, 66077830 Belém, Pará, Brazil.

²Department of Wildlife and Fisheries Sciences, Texas A&M University, College Station, TX, 77843-2258, USA.

³Consorzio Interuniversitario per lo Sviluppo dei Sistemi a Grande Interfase (CSGI), Via della Lastruccia, 3, 50019 Sesto Fiorentino, Florence, Italy.

⁴Department of Chemistry “Ugo Schiff”, University of Florence, Via della Lastruccia, 3, 50019 Sesto Fiorentino, Florence, Italy.

Abstract

This study investigated occurrence of microplastic particles in digestive tracts of fishes from the Amazon River estuary. A total of 189 fish specimens representing 46 species from 22 families was sampled from bycatch of the shrimp fishery. Microplastic particles removed from fish gastrointestinal tracts were identified using Attenuated Total Reflectance – Fourier Transform Infrared (ATR-FTIR). In total, 228 microplastic particles were removed from gastrointestinal tracts of 26 specimens representing 14 species (30% of those examined). Microplastic particles were categorized as pellets (97.4%), sheets (1.3%), fragments (0.4%) and threads (0.9%), with size ranging from 0.38 to 4.16 mm. There was a positive correlation between fish standard length and number of particles found in gastrointestinal tracts. The main polymers identified by ATR-FTIR were polyamide, rayon and polyethylene. These findings provide the first evidence of microplastic contamination of biota from the Amazon estuary and northern coast of Brazil.

Keywords: Brazil, Bycatch, Pollution, Trophic level

Introduction

During recent decades, changes in manufacturing and consumer behavior together with insufficient waste management have resulted in accumulation of plastic debris in oceans throughout the world (e.g., Costa and Barletta, 2015; Jambeck et al., 2015), with plastic now composing between 60% and 80% of all marine debris (Barnes et al., 2009). It has been estimated that nearly half of all plastic products are discarded in less than 12 months after production

(Hopewell et al., 2009). Once introduced into marine ecosystems, plastic waste becomes fragmented as it disperses via wind and oceanic currents (Barnes et al., 2009; Lebreton et al., 2012) and is distributed throughout the water column (Bellas et al., 2016). Plastic debris accumulates not only in the open ocean, but also on beaches, mangrove forests and other coastal habitats (Ivar do Sul et al., 2007). Although some plastic debris is dumped directly into marine waters, rivers accumulate discarded material throughout their watersheds and transport it to the oceans (Lechner et al., 2014; Vendel et al., 2017). Unfortunately, rivers and estuaries have received relatively little attention with regard to the plastic pollution problem (Costa and Barletta, 2015), especially within the southern hemisphere (Cannon et al., 2016).

Reports of interactions between marine fauna and plastic debris have increased by 75% over the last two decades, including 267 species reported in 1997 (Laist, 1997) and 693 species reported in 2015 (Gall and Thompson, 2015). Plastic waste in the environment negatively impacts biota, including entanglement of animals within large items (macroplastics) and ingestion of microplastics (particles < 5 mm) by organisms, with subsequent transfer within the food web (Fossi et al., 2012; Cole et al., 2013; Ivar do Sul and Costa, 2014). Ingestion of plastic can affect organisms both physically and physiologically, including direct mortality from entanglement and choking as well as sub-lethal effects, such as compromised feeding, digestion, and reproduction activities (Gregory, 2009; Vendel et al., 2017). Exposure to chemical pollutants that bind to plastic particles has become a major concern, especially when chemicals bioaccumulate in fish destined for human consumption (Teuten et al., 2009). The effects of human consumption of organisms that contain microplastics are still poorly understood. Some evidence has been reported that plastic particles may cause immunotoxic responses, resulting either from chemical exposure or particle-induced mechanical stress (Seltenrich, 2015).

In aquatic and marine environments, plastics undergo a continuous process of disintegration from the action of water and wind causing abrasion from contact with solid particles, and through chemical decomposition by exposure to solar radiation (Moore, 2008; Barnes et al., 2009). Plastic debris is classified as macroplastics (particle diameter >25 mm), microplastics (diameter <5 mm) (GESAMP, 2015) or mesoplastics (5-25 mm) (Jabeen et al., 2017). Microplastics are further classified according to their origin. Primary microplastics are resin pellets and microbeads used in cleaning products, cosmetics, medicines and other products; secondary microplastics are formed from the fragmentation of larger meso- and macroplastics (Cole et al., 2011). Plastic pellets are used worldwide as a raw material in the production of

plastic products (Ogata et al., 2009). With exposure to solar radiation, plastic pellets often lose or change their initial white or translucent coloration and many anthropogenic and biogenic chemicals can be adsorbed by their surface (Endo et al., 2005; Miranda e Carvalho-Souza, 2016). Hydrophobic characteristics of plastics allow them to function as vectors for organic contaminants and heavy metals (Colabuono et al., 2010; Holmes et al., 2012).

Many fishes ingest tiny plastic particles either intentionally or accidentally while feeding in the water column or the benthos (Browne et al., 2010). Most investigations of microplastic ingestion by wild fish have been conducted in the northern hemisphere (e.g. Boerger et al., 2010; Phillips and Bonner, 2015), especially in Europe (e.g. Neves et al., 2015; Bellas et al., 2016; McGoran et al., 2017) and North America (e. g. Carson, 2013; Petters e Bratton, 2016). Microplastic ingestion by fishes in the Southern Hemisphere has been documented by studies performed in Africa (e.g. Biginagwa et al., 2016; Naidoo et al., 2016), Australia (e.g. Cannon et al., 2016), Easter Island (e.g. Ory et al., 2017), Indonesia (e.g. Rochman et al., 2015), and South America (Mizraji et al., 2017; Ory et al., 2017). Studies in Brazil have been conducted in the northeastern and southeastern regions (e.g. Possatto et al., 2011; Ferreira et al., 2016; Silva-Cavalcanti et al., 2017), with no investigations as yet for the northern region that includes the Amazon River estuary.

Brazil's northern coastline has low human population density and contains the world's second-longest, continuous area of largely undisturbed mangrove forest (ca. 7,000 km²) (Giarrizzo and Krumme, 2008). In 2016, an extensive and biodiverse reef system (~9,500 km²) was discovered offshore from the mouth of the Amazon River (Moura et al., 2016). This discovery, paired with the fact that 20% of Brazil's fisheries landings come from the northern coast (Krumme et al., 2015), lends urgency to the need to improve knowledge about plastic pollution in the region. Based on experiences in estuaries from northeastern Brazil, Costa and Barletta (2015) identified the Amazon River estuary as a priority area for future studies on marine plastic pollution. The goal of our study was to investigate the presence of microplastics ingestion by fishes from the Amazon River estuary on the coast of Brazil. We hypothesized that quantity and size of the ingested particles increases with fish body size, weight and vertical trophic position within the estuarine food web.

Material and Methods

Study area

Brazil's North Coast extends over 1,400 km along the states of Amapá and Pará, covering an area of approximately 488,000 km² and a variety of ecosystems including mesophotic reefs, islands, tidal flats, and estuaries with extensive mangrove forests (Marceniuk et al., 2013) (Fig. 1). The region's equatorial humid climate (Kottek et al., 2006) has annual rainfall up to 3,300 mm and average annual temperatures of 27.5 to 29.5 °C (Pereira et al., 2009).

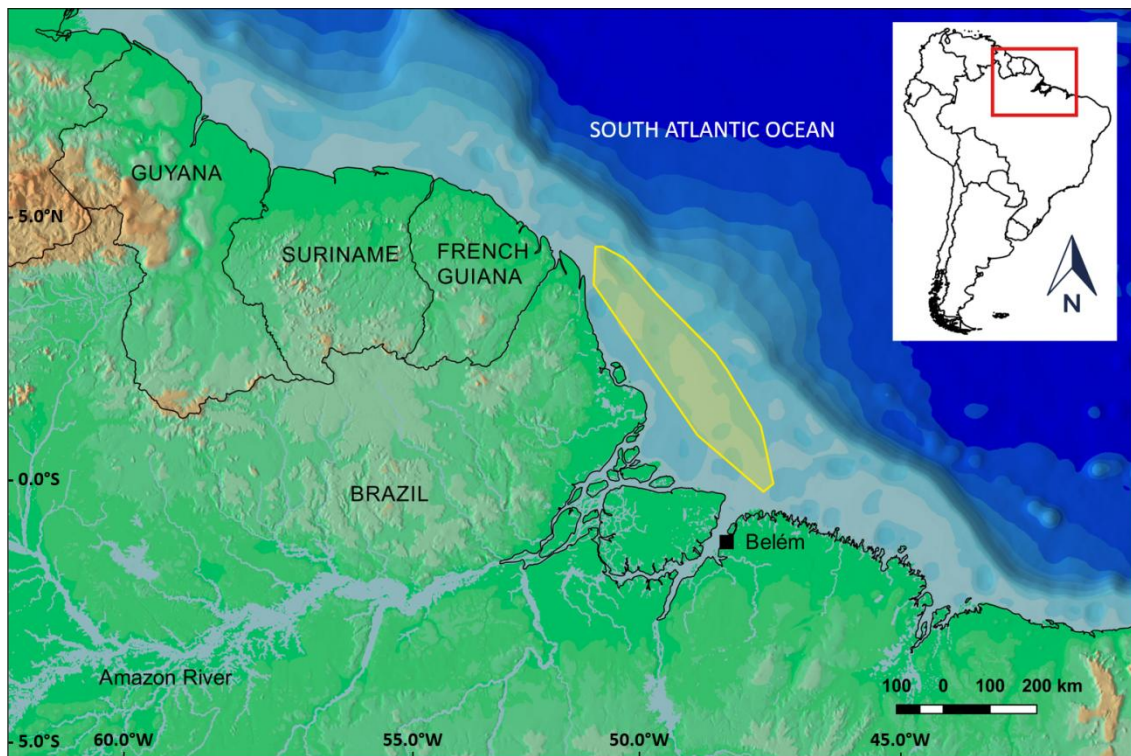


Fig.1. Location of the Amazon River estuary in northeastern Brazil (inset) showing the survey area (yellow shaded area).

The region includes the estuary of the world's largest river, the Amazon, with its mean annual discharge of 6.3 trillion m³ of freshwater, 1.2 billion tons of sediments and 290 million tons of solutes that flow onto the continental shelf (Oltman, 1968; Meade et al., 1985; Nittrouer et al., 1995). The Amazon's freshwater plume can seasonally expand up to 120 km from the river mouth to the open ocean where salinities can close to zero.

The Amazon's massive freshwater discharge affects oceanographic processes, creating dynamic system of currents and tidal fluxes. The large sediment discharge contributes to high primary and secondary productivity, sustaining important artisanal and commercial fisheries (Neiva and Moura 1977, Wolff et al. 2000). Estuarine fishes and crustaceans have great economic

importance and many of them interact with substrates, influencing physical and chemical processes, including nutrient dynamics (Lana et al., 1996).

Fish sampling

Fish specimens analyzed in this study were obtained from bycatch of the southern brown-shrimp fishery, which is monitored by the Center for Research and Management of Fishing Resources of Brazil's North Coast (CEPNOR) of the Brazilian Ministry of the Environment (MMA). Samples were obtained from 104 bottom trawls carried out between July 2015 and August 2016 at depths varying from 35 to 85 m. Due to ship's limited freezer space, a sample of the most abundant fish species were collected from each haul, frozen immediately, and stored for up to 2 weeks at -20 °C in the laboratory prior to processing.

Sample processing

In the laboratory, the fishes were identified to species level and each specimen was measured for standard length (SL) with a caliper (0.01 cm precision) and weighed with a digital scale (Marte BL3200H; 0.01 g precision). For each species trophic level was assigned according to values provided in FishBase (Froese and Pauly, 2017). To remove the digestive tract, a longitudinal incision was made in the abdominal area using surgical forceps and a scalpel. Each digestive tract (stomach and intestine) was cut longitudinally, and contents were washed into a Petri dish using 70% ethanol.

Stomach and intestine contents were examined under a stereo-microscope (Opton Tim-2b) at 6.5× to 50× magnification. Plastic particles were separated from other ingested particles, counted, classified according to shape and colour, measured (diameter in longest dimension to 0.001 mm precision), and photographed using a ZEISS SteREO Discovery V12 stereo microscope with the Zen software (blue edition, v2.0, Zeiss, Oberkochen, Germany).

Before and after each procedure for each specimen, all work surfaces and instruments were thoroughly cleaned with 70% ethanol and a new, clean pair of latex gloves was worn. To test for potential presence of airborne plastic fibers at the work station, a clean (using 70% ethanol) glass Petri dish that was placed at the work station at the start of each day was examined with the stereo-microscope at the end of the day.

A sample of each microplastic type recorded in the study was randomly selected for polymer identification. Recent studies showed that Fourier Transform Infrared (FTIR)

spectroscopy is the most reliable method to identify the composition of maritime plastic debris, using either single-element or Focal Plane Array (FPA) detectors (Srinivasa Reddy et al., 2006; Mecozzi et al., 2016; Cincinelli et al., 2017). In this study, FTIR spectra were collected in Attenuated Total Reflectance (ATR) mode, using a single-element MCT detector, which was deemed as the optimal set up, given the type and morphology of the plastic samples. The ATR-FTIR analysis of the samples was carried out using a Cary 620-670 FTIR microscope, equipped with a GeATR crystal (Agilent Technologies). The spectra were recorded directly on the samples with a spectral resolution of 8 cm^{-1} , acquiring 128 scans for each spectrum in the $4000\text{-}650\text{ cm}^{-1}$ spectral range.

Statistical analysis

The percentage of frequency of occurrence of microplastics within digestive tracts was calculated using the following formula: $\text{FO}\% = (\text{Ni}/\text{N}) \times 100$, where FO% = frequency of occurrence of microplastic particles; Ni = number of gastrointestinal tracts that contained microplastic particles; N = total number of gastrointestinal tracts examined.

Kendall's rank correlation was performed to assess the association between i) number of ingested microplastic particles and fish body size, ii) number of ingested microplastic particles and fish weight, iii) number of ingested microplastic particles and fish trophic level, and iv) the size of microplastic particles and fish body size. Whenever the correlation was significant, a linear regression was performed to derive an equation predicting the relationship between the response variable and independent variable. Statistical tests only included specimens that had microplastic particles in the gastrointestinal tract, and were performed using the R statistical package (R Core Team, 2017).

Results

Overall, 189 fish specimens representing 46 species from 22 families were analyzed (Table 1). Standard length (\pm SD) averaged $24.7 (\pm 13.3)$ cm, varying from 10.2 to 92 cm, and average body weight was $558.3\text{ g} (\pm 1429.2)$ ranging from 28.2 g to 10000g. All fishes are carnivorous and the species trophic level (TL), based on values reported in FishBase, ranged from 3.1 to 4.5.

Table 1. Summary information for fishes examined for microplastic particles.

Family	Species	Trophic level	N° of fish	N° of fish with microplastic	Frequency of occurrence (%)	N° of microplastic particles in gastrointestinal tract	Average N° of microplastic particles per specimen**	N° of fish with microplastic in stomach	N° of microplastic particles in stomach	N° of fish with microplastic in intestine	N° of microplastic particles in intestine
Ariidae	<i>Bagre bagre*</i>	4	7	5	71.4	64	12.8	5	62	2	2
	<i>Bagre marinus*</i>	3.5	4	4	100	31	7.8	4	31	0	0
	<i>Notarius grandicassis</i>	4	4	0	0	0	0	0	0	0	0
Batrachoididae	<i>Batrachoides surinamensis</i>	3.7	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Carangidae	<i>Caranx crysos</i>	4.1	3	0	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Caranx hippos*</i>	3.6	3	3	100	92	30.7	3	92	0	0
	<i>Selene setapinnis</i>	3.7	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Selene vomer*</i>	4.3	2	1	50	2	2.0	1	2	0	0
Ephippidae	<i>Chaetodipterus faber</i>	4.5	5	0	0	0	0	0	0	0	0
Haemulidae	<i>Anisotremus surinamensis</i>	3.6	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Anisotremus virginicus</i>	3.6	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Conodon nobilis</i>	3.6	8	0	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Genyatremus luteus</i>	3.5	8	0	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Haemulon plumieri</i>	3.8	13	0	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Haemulon steindachneri</i>	3.7	5	0	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Orthopristis ruber</i>	3.6	2	0	0	0	0	0	0	0	0
Lutjanidae	<i>Lutjanus analis*</i>	3.9	3	1	33.3	1	1.0	0	0	1	1
	<i>Lutjanus synagris*</i>	3.8	2	1	50	1	1.0	0	0	2	1
Muraenesocidae	<i>Cynoponticus savanna</i>	3.5	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Muraenidae	<i>Gymnothorax ocellatus</i>	4.1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Myliobatidae	<i>Rhinoptera bonasus</i>	3.2	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Narcinidae	<i>Narcine brasiliensis*</i>	3.2	6	1	6.7	3	3.0	0	0	1	3
Ophichthidae	<i>Ophichthus cylindroideus</i>	4	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Ophichthus ophis</i>	4.5	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Polynemidae	<i>Polydactylus oligodon*</i>	3.7	1	1	100	3	3.0	1	3	0	0
	<i>Polydactylus virginicus</i>	3.7	13	0	0	0	0	0	0	0	0
Pomatomidae	<i>Pomatomus saltatrix</i>	4.5	2	0	0	0	0	0	0	0	0
Rachycentridae	<i>Rachycentron canadum</i>	4	1	0	0	0	0	0	0	0	0

Sciaenidae	<i>Bairdiella ronchus</i>	3.5	4	0	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Ctenosciaena gracilicirrhus</i>	3.9	11	0	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Cynoscion jamaicensis</i>	3.8	3	0	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Cynoscion leiarchus</i> *	3.1	2	1	50	2	2.0	1	2	0	0
	<i>Cynoscion microlepidotus</i> *	4	16	3	18.7	4	1.3	3	3	1	1
	<i>Cynoscion virescens</i> *	4	7	1	14.3	3	3.0	1	3	0	0
	<i>Macrodon ancylodon</i> *	3.9	13	1	7.7	2	2.0	1	2	0	0
	<i>Menticirrhus americanus</i>	3.5	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Micropogonias furnieri</i>	3.1	6	0	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Paralonchurus brasiliensis</i>	3.4	6	0	0	0	0	0	0	0	0
Scombridae	<i>Scomberomorus brasiliensis</i>	3.3	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Serranidae	<i>Epinephelus itajara</i>	4.1	2	0	0	0	0	0	0	0	0
Sphyrnidae	<i>Sphyrna tiburo</i> *	3.9	2	2	100	18	9.0	1	8	2	10
Stromateidae	<i>Peprilus paru</i>	4.5	2	0	0	0	0	0	0	0	0
Tetraodontidae	<i>Colomesus psittacus</i>	3.6	2	0	0	0	0	0	0	0	0
Triakidae	<i>Mustelus canis</i>	3.6	2	0	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Mustelus higmani</i>	3.6	3	0	0	0	0	0	0	0	0
Trichiuridae	<i>Trichiurus lepturus</i> *	4.4	5	1	20	2	2.0	1	2	0	0
TOTAL			189	26	-	228	1.75	22	210	9	18

* Fishes that ingested microplastic, ** Sample based only on specimens that ingested microplastic. Species in bold font support important commercial fisheries.

In total, 228 microplastic particles were recovered from gastrointestinal tracts of 26 specimens belonging to 14 species (Table 1), which represented 13.7% of the total abundance and 30.4% of the total species richness in samples. From the total number of microplastic particles, 210 (92.1%) were found in the stomachs of 21 specimens representing 11 species, and 18 particles (7.9%) were recovered from the intestines of 13 specimens representing six species (Table 1). On average, 1.2 (± 5.0) particles per fish were found. The standard length of fishes with ingested microplastics varied from 16.0 to 57.5 cm (mean SL = 32.7 cm \pm 11.7), and weight varied between 72.7 and 10,000 g (mean = 1,531.9 g ($\pm 3,132.7$)). Size, weight and number of microplastic particles found in gastrointestinal tract for each fish are provided as supplementary material (Appendix 1).

The greatest number of ingested microplastics per specimen (50 particles) was recorded for *C. hippos*. This species was responsible for 40.3% of all recovered microplastic particles. The frequency of occurrence (FO%) of microplastics per species, among those with three or more specimens examined, varied between 18.7% (*Cynoscion microlepidotus*) and 100% (*Bagre marinus*, *Caranx hippos*).

A positive correlation was found between fish SL and number of microplastic particles in the gastrointestinal tract (Kendall's Tau= 0.41, $p= 0.003$). Linear regression analysis indicated that each additional centimeter of SL was associated with an additional 0.58 ingested particles ($r^2= 0.37$; $p= 0.0008$; $y= -10.374+0.586x$) (Fig. 2). In contrast, no significant correlation ($p= 0.43$) was found between the quantity of ingested particles and trophic level, between the size microplastic particles and fish SL ($p= 0.48$), or between the quantity of ingested particles and fishes weight ($p= 0.15$).

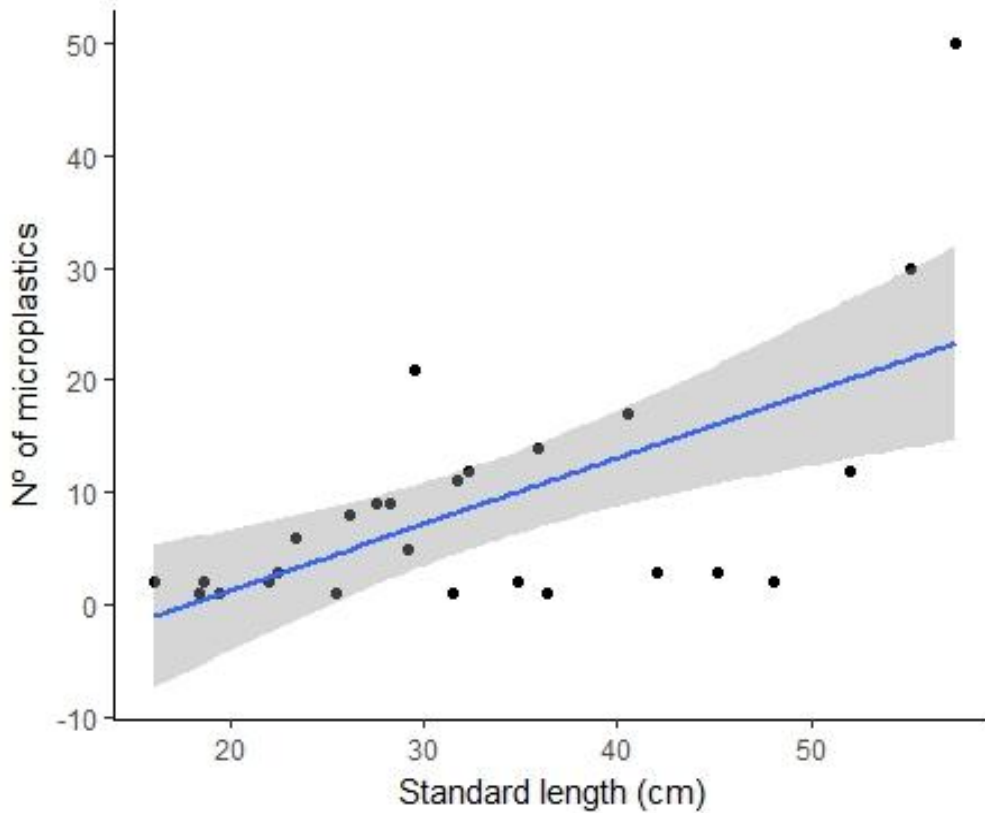


Fig. 2. Scatter plot showing the relationship between the number of ingested microplastic particles and SL among fishes that had microplastic particles in their gastrointestinal tracts (n=26). Shaded area indicates 95% confidence interval for the linear regression.

The size of plastic particles recovered from fish gastrointestinal tracts was always < 5 mm (range= 0.38–4.16 mm, average (\pm SD) = 1.82 (\pm 0.68)). Consequently, all particles are classified as microplastics (Arthur et al., 2009). Particles were recorded as four shape categories: pellets (97.4%), sheets (1.3%), fragments (0.4%) and threads (0.9%). Colours were either clear, yellow, orange or blue (Fig. 3).

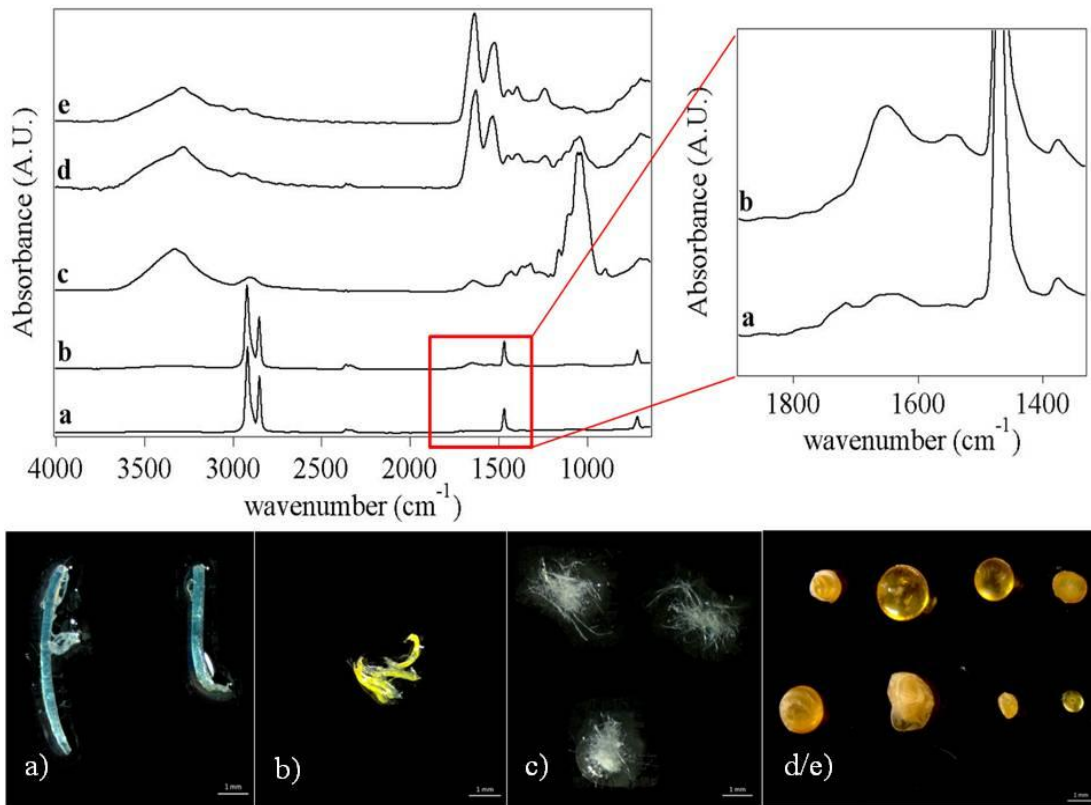


Fig. 3. ATR-FTIR spectra of the microplastic particles: (a) blue thread (polyethylene); (b) yellow fragment (polyethylene); (c) transparent sheet (rayon); (d) pellet I (polyamide); (e) pellet II (polyamide). Highlighted in red the FTIR inset showing the oxidation bands of polyethylene in spectra a and b.

Microplastic polymers were identified using ATR-FTIR and comparison with reference spectra (Fig. 3). Samples classified as blue thread and yellow fragments had absorption spectra consistent with polyethylene (Fig. 03a,b): 2920 ($\nu_{\text{as}} \text{CH}_2$), 2850 ($\nu_{\text{s}} \text{CH}_2$), 1471 (bending deformation), 1373 ($\delta_{\text{s}} \text{CH}_3$) and 720 cm^{-1} (rocking deformation) (Gulmine et al., 2002). Among blue and yellow fragments, some spectral bands also could be consistent with presence of adsorbed algae: ca. 3350 (N-H, O-H stretching), 1650 (amide I) and 1540 cm^{-1} (amide II) (Kong and Yu, 2007). Among blue fragments, some weak bands and shoulders suggest the presence of oxygenated groups that form during the abiotic oxidation of polyethylene (Gewert et al., 2015): 1715 (C=O stretching ketones, carboxylic acids) and 1738 cm^{-1} (C=O stretching esters) (Gardette et al., 2013). Transparent sheets (Fig. 03c) showed spectral bands characteristic of Rayon at 3330 (O-H stretching), 2901 (CH, CH_2 stretching), 1648 (HOH bending of water), 1445 (H-C-H and H-

O-C bending), 1373 and 1320 (H-C-C, H-C-O, and H-O-C bend), 1110 and 1045 (C-C and C-O-C stretching), and 901cm^{-1} (C-O-C in plane, symmetric) (Kaur et al., 2013; Li-Ling, 2007). Finally, samples classified as pellet I and pellet II (Fig. 4e,d) had spectra indicative of nylon at 3285 (N-H stretching), 3060 (C-H stretching, asymm., N-H band), 2953 (CH_2 asymm. stretching), 1640 (amide I), 1529 (amide II), 1447 and 1400 (CH_2 bending), and 1242 cm^{-1} (amide III) (Mahdi, 2011; Charles et al., 2009; Fayemi et al., 2016). For the pellet I sample, the broad band around 1045 cm^{-1} (C-O-C stretching) suggests the presence of adsorbed cellulosic fibers.

Discussion

This study provides the first evidence of ingestion of microplastic particles by fishes from the Amazon River estuary. In recent studies conducted in the northern Atlantic Ocean, 19.80% (Neves et al., 2015), 17.50% (Bellas et al., 2016) and 2.98% (Brate et al., 2016) of fishes had microplastics in their gastrointestinal tracts. Microplastics were reported from guts of 50% of marine fishes near the city of Salvador (Miranda e Carvalho-Souza, 2016) and in 23% of fishes from the Goiana estuary (Possatto et al., 2011), both in Northeast Brazil. Another study of fishes from the Goiana estuary (Ramos et al., 2012) found levels of microplastic ingestion (13.4%) similar to the level we found for fishes the Amazon estuary (13.7%).

The greatest number of ingested microplastics (50 particles) was encountered in a Crevalle jack (*Caranx hippos*) a predatory fish that can attain 124 cm SL and 32 kg (Meyer et al., 2001; Froese and Pauly, 2017). Considered generalists, Crevalle jack feed on abundant prey, such as schooling fish and crustaceans (Kwei, 1978; Sancho, 2000). A previous study had confirmed the relationship between the ingestion of microplastics and the feeding strategies of demersal fishes in the Eastern Mediterranean (Anastasopoulou et al., 2013). Romeo et al. (2015) proposed that microplastics are ingested most frequently by generalist foragers that target abundant small prey - a characteristic consistent with Crevalle jack feeding habits. The authors further proposed that microplastics also are ingested secondarily when their prey already contain microplastics. Given that microplastics tend to accumulate in the benthos (Bellas et al., 2016), biomagnification may be accelerated in predators that target bottom-feeding fishes and crustaceans. Ingestion of microplastics by the Crevalle jack is cause for concern, given the species' ecological importance in many tropical and subtropical marine ecosystems. Additionally, fishes of the Carangidae family are among the most important in tropical fisheries (Reuben et al., 1992, Crabtree et al.,

2002). Our finding of a significant correlation between fish length and the quantity of ingested microplastic particles corroborates those of Alomar et al. (2017) for goatfish, *Mullus surmuletus*, in the Western Mediterranean. Our failure to find a relationship between the number of ingested microplastics and trophic level may have been influenced by the limited range of trophic levels (3.1 to 4.5) among the species surveyed.

Several investigations of marine vertebrates and invertebrates have found that microfibers are the most commonly ingested microplastic particles (Cole et al., 2013; Bellas et al., 2016; Mizraji et al., 2017). In our study, plastic pellets comprised more than 97% of the microplastics recovered from fish gastrointestinal tracts. This corroborates the findings of Miranda and Carvalho-Souza (2016) that fishes from the Brazil's northeastern coast near the city of Salvador had exclusively ingested pellets. This region is home to the largest petrochemical complex in Latin America, which could contribute to plastic pollution of rivers and coastal habitats (Ogata et al., 2009).

The color of the recovered pellets (predominately shades of yellow) was similar to that observed by Miranda and Carvalho-Souza (2016) and indicative of persistent organic pollutants (POPs) attached to the surface of plastics (Endo et al., 2005). Furthermore, the yellowish color suggests that the pellets experienced oxidation and photo-oxidation while adrift in the sea (Ogata et al., 2009; Gewert et al., 2015), implying the original introduction into the environment might have occurred far from our study area. Yellow colour also can be caused by interaction with digestive enzymes (Miranda and Carvalho-Souza, 2016).

As estimated by ATR-FTIR analysis, polyamide (Nylon) represented 97.4% of all microplastics ingested by fishes in our sample from the Amazon estuary. We conclude that the high density (1.13–1.15 g/m³) of polyamide (GESAMP, 2015), paired with the round shape of pellets, contributed to their accessibility to fishes in the study area. Most fishing gear is manufactured from nylon (Timmers et al., 2005), and the fishing industry has been estimated to contribute approximately 18% of all plastic debris found in the oceans (Andrady, 2011).

Apart from the nylon pellets, blue thread, yellow fragments and transparent sheets each contributed < 2% to the total of plastic particles recovered from fish gastrointestinal tracts. Blue thread and yellow fragments were identified as polyethylene (PE), a commonly produced polymer (Jambeck et al. 2015) used to make plastic bags and storage containers (GESAMP, 2015). Globally, PE is the most abundant polymer found in the environment (Andrady and Neal, 2009; Hidalgo-Ruz et al., 2012). Relative to nylon pellets, PE microplastics were uncommon in

fish gastrointestinal tracts, and this could be related to their relatively low density (0.91–0.96 g/cm³) (Coutinho et al., 2003; GESAMP, 2015). Floating PE particles, therefore, would be less available to demersal fishes. Transparent sheets were made of rayon, a man-made, semi-synthetic polymer that is used as an artificial textile material (Kauffman, 1993; Woodall et al., 2014). Possible sources are clothing, furniture, and personal hygiene products in sewage effluents (Lusher et al., 2012). In the Amazon estuary, this rayon contributed insignificantly, probably due to this material's rapid rate of degradation (Park, et al., 2004).

Some marine systems, such as enclosed bodies (e.g., Mediterranean Sea) and zones of gyre convergence, appear to accumulate large amounts of microplastics (Barnes et al. 2009; Ryan et al. 2009), and rivers are considered major contributors to pollution in these regions (Jambeck et al., 2015). Schmidt et al. (2017) demonstrated that rivers transport microplastics more efficiently than macroplastics, and that the concentration of microplastic particles is positively correlated to river size. Along with mismanagement of solid waste disposal, wastewater discharge, inland navigation and industrial pollution all contribute to entry of microplastics into fluvial ecosystems (Lechner et al., 2014). The Amazon River discharges the world's greatest volume of freshwater. Lebreton et al. (2017) estimated that 38,900 tons of plastic wastes are transported from the Amazon River into the Atlantic Ocean annually, suggesting that most of the microplastics found in our study could have originated in the river.

Microplastics, more than macroplastics, are influenced by advection and circulation patterns, which contributed to the accumulation of particles in deep-sea environments (Woodall et al., 2014; Van Cauwenberghe et al., 2015). Offshore convection, saline subduction, and other oceanographic processes along the coast near the Amazon River Mouth could contribute to accumulate microplastics in marine sediments (Talley, 2002; Stabholz et al., 2013).

The United Nations Environment Program (UNEP) listed plastic pollution as a critical problem, comparable to climate change (UNEP, 2014). Research that identifies and quantifies microplastics within the environment and bodies of organisms will help us to understand the magnitude and scope of microplastic pollution, and pave the way to manage this problem (Boerguer et al., 2010; Alomar and Deudero, 2017). Our findings indicate significant ingestion of microplastics by diverse fishes inhabiting the Amazon estuary and half of the species, including many that support important fisheries (Table 1). This raises human health concerns, because ingestion of fish that consume plastics has the potential to increase the body burden of hazardous chemicals that adsorb to plastics in the environment (Rochman et al., 2015) and subsequently

bioaccumulate (Oehlmann et al., 2009; Rochman et al., 2013). The degree to which microplastics and associated compounds biomagnify in food chains is poorly understood at present.

Acknowledgments

The authors are grateful to A. Klautau and J. Romão Jr (CEPNOR) Center for Research and Management of Fishing Resources of Brazil's North Coast of the Brazilian Ministry of the Environment (MMA) in partnership with the Aquatic Ecology Group of the Federal University of Pará (UFPA), for their logistical support during the offshore sampling campaigns in the "Shrimp NEN" research project (#445766/2015-8). We also like to thank the students of the Aquatic Ecology Group (GEA) at the Federal University of Pará (UFPA) for their assistance during the laboratory processing and analysis. We thank the editor and the two referees for their valuable comments on the manuscript. The first (TP) and second (KS) authors were funded by the Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES). The third author (KW) received support from the International Sportfish Fund and National Science Foundation grant DEB 1257813. The fourth author (DC) and fifth author (AC) gratefully acknowledge CSGI (Consorzio Interuniversitario per lo Sviluppo dei Sistemi a Grande Interfase), Florence (Italy) for financial support. The seventh author (TG) received a productivity grant (CNPq # 310299/2016-0) and funding from Fundação de Apoio à Pesquisa, Extensão e Ensino em Ciências Agrárias (FUNPEA) with the project Estudos Ecológicos e Ecotoxicológicos em Peixes da Região Norte e Nordeste do Brasil".

References

- Alomar, C.; Sureda, A.; Capó, X.; Guijarro, B.; Tejada, S.; Deudero, S. Microplastic ingestion by *Mullus surmuletus* Linnaeus, 1758 fish and its potential for causing oxidative stress. 2017. *Environmental Research*, 159, 135–142. <http://dx.doi.org/10.1016/j.envres.2017.07.043>
- Anastasopoulou, A.; Mytilineou, C.; Smith, C. J.; Papadopoulou, K. P. Plastic debris ingested by deep-water fish of the Ionian Sea (Eastern Mediterranean). 2013. *Deep-Sea Research I*, 74, 11–13. <http://dx.doi.org/10.1016/j.dsr.2012.12.008>
- Andrady, A. L.; Neal, M. A. Applications and societal benefits of plastics. 2009. *Philosophical Transactions of The Royal Society B*, 364, 1977–1984. doi:10.1098/rstb.2008.0304
- Andrady, A. L. Microplastics in the marine environment. 2011. *Marine Pollution Bulletin*, 62, 1596–1605. doi:10.1016/j.marpolbul.2011.05.030
- Arthur, C., J. Baker and H. Bamford (eds). 2009. *Proceedings of the International Research Workshop on the Occurrence, Effects and Fate of Microplastic Marine Debris*. Sept 9-11, 2008. NOAA Technical Memorandum NOS-OR&R-30. <https://repository.library.noaa.gov/view/noaa/2509> Accessed on January 15th 2018
- Barnes, D.K.A.; Galgani, F.; Thompson, R.C.; Barlaz, M. Accumulation and fragmentation of plastic debris in global environments. 2009. *Philosophical Transactions of The Royal Society of London Series B Biological Sciences*, 364, 1985–1998. doi:10.1098/rstb.2008.0205
- Bellas, J.; Martínez-Armental, J.; Martínez-Cámara, A.; Besada, V.; Martínez-Gomes, C. Ingestion of microplastics by demersal fish from the Spanish Atlantic and Mediterranean coasts. 2016. *Marine Pollution Bulletin*, 109, 55–60. <http://dx.doi.org/10.1016/j.marpolbul.2016.06.026>
- Biginagwa, F. J.; Mayoma, B. S.; Shashoua, Y.; Syberg, K.; Khan, F. R. First evidence of microplastics in the African Great Lakes: recovery from Lake Victoria Nile perch and Nile tilapia. 2016. *Journal of Great Lakes Research*, 42, 146-149. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jglr.2015.10.012>.
- Boerger, C. M.; Lattin, G. L; Moore, S. L.; Moore, C. J. Plastic ingestion by planktivorous fish in the North Pacific Central Gyre. 2010. *Marine Pollution Bulletin*, 60, 2275–2278. doi:10.1016/j.marpolbul.2010.08.007

Brate, I. L. N.; Eidsvoll, D. P.; Steindal, C. C.; Thomas, K. V. Plastic ingestion by Atlantic cod (*Gadus morhua*) from the Norwegian coast. 2016. Marine Pollution Bulletin, 112, 105-110. <http://dx.doi.org/10.1016/j.marpolbul.2016.08.034>.

Browne, M. A.; Galloway, T. S.; Thompson, R. C. Spatial patterns of plastic debris along estuarine shorelines. 2010. Environmental Science & Technology, 44, 3404–3409. DOI:10.1021/es903784e

Cannon, S. M. E.; Lavers, J. L.; Figueiredo, B. Plastic ingestion by fish in the Southern Hemisphere: A baseline study and review of methods. 2016. Marine Pollution Bulletin, 107, 286-291. <http://dx.doi.org/10.1016/j.marpolbul.2016.03.057>.

Charles J.; Ramkumaar G. R.; Azhagiri S.; Gunsakeran, S. FTIR and Thermal Studies on Nylon-66 and 30% Glass Fibre Reinforced Nylon-66. 2009. E-Journal of Chemistry, 6, 23-33. <http://dx.doi.org/10.1155/2009/909017>

Cincinelli, A.; Scopetani, C.; Chelazzi, D.; Lombardini, E., Martellini, T., Katsoyannis, A.; Fossi, M.C.; Corsolini, S. 2017. Microplastic in the surface waters of the Ross Sea (Antarctica): occurrence, distribution and characterization by FTIR. Chemosphere, 175, 391-400. DOI: 10.1016/j.chemosphere.2017.02.024

Colabuono, F. E.; Taniguchi, S.; Montone, R. C. Polychlorinated biphenyls and organochlorine pesticides in plastics ingested by seabirds. 2010. Marine Pollution Bulletin, 60, 630–634. DOI: 10.1016/j.marpolbul.2010.01.018

Cole, M.; Lindeque, P.; Halsband, C.; Galloway, T. S. Microplastics as contaminants in the marine environment: a review. 2011. Marine Pollution Bulletin 62, 2588–2597. doi:10.1016/j.marpolbul.2011.09.025

Cole, M.; Lindeque, P.; Fileman, E.; Halsband, C.; Goodhead, R.; Moger, J.; Galloway, T. S. Microplastic ingestion by zooplankton. 2013. Environmental Science & Technology, 47, 6646–6655. DOI: 10.1021/es400663f

Costa, M. F.; Barletta, M. Microplastics in Coastal and Marine Environments of the Western Tropical and Sub-Tropical Atlantic Ocean. 2015. Environmental Science: Processes & Impacts, 17, 1868-1879. DOI: 10.1039/C5EM00158G.

Coutinho, F. M. B.; Mello, I. L.; de Santa Maria, L. C. Polietileno: Principais tipos, propriedades e aplicações. 2003. Polímeros: Ciência e Tecnologia, 13, 1-13.

Crabtree, R.; Hood, P. B.; Snodgrass D. Age, growth and reproduction of permit (*Trachinotus falcatus*) in Florida waters. 2002. Fishery Bulletin – National Oceanic and Atmospheric Administration, 100, 26-34.

Endo, S.; Takizawa, R.; Okuda, K.; Takada, H.; Chiba, K.; Kanehiro, H.; Ogi, H.; Yamashita, R.; Date, T. Concentration of polychlorinated biphenyls (PCBs) in beached resin pellets: variability among individual particles and regional differences. 2005. Marine Pollution Bulletin, 50, 1103–1114. doi:10.1016/j.marpolbul.2005.04.030

Fayemi, O. E.; Adekunle, A. S.; Ebenso E. E. A sensor for the Determination of Lindane Using PANI/Zn, Fe(III) Oxides and Nylon 6,6/MWCNT/Zn, Fe(III) Oxides Nanofibers Modified Glassy Carbon Electrode. 2016. Journal of Nanomaterials. 2016(1):1-10. <http://dx.doi.org/10.1155/2016/4049730>

Ferreira, G. V. B.; Barletta, M.; Lima, A. R. A.; Dantas, D. V.; Justino, A. K. S.; Costa, M. F. Plastic debris contamination in the life cycle of Acoupa weakfish (*Cynoscion acoupa*) in a tropical estuary. 2016. ICES Journal of Marine Science, 73, 2695-2707. doi:10.1093/icesjms/fsw108.

Fossi, M. C.; Panti, C.; Guerranti, C.; Coppola, D.; Giannetti, M.; Marsili, L.; Minutoli, R. Are baleen whales exposed to the threat of microplastics? A case study of the Mediterranean fin whale (*Balaenoptera physalus*). 2012. Marine Pollution Bulletin, 64, 2374–2379. doi: 10.1016/j.marpolbul.2012.08.013.

Froese, R. and Pauly, D. Editors. 2017. FishBase. World Wide Web electronic publication. www.fishbase.org, version (02/2017).

Gall, S.; Thompson, R. The impact of debris on marine life. 2015. Marine Pollution Bulletin, 92, 170–179. <http://dx.doi.org/10.1016/j.marpolbul.2014.12.041>

Gardette, M.; Perthue, A.; Gardette, J.L.; Janecska, T.; Földes, E.; Pukànszky, B.; Therias, S.. Photo- and thermal-oxidation of polyethylene: comparison of mechanisms and influence of unsaturation content. 2013. Polymer Degradation and Stability, 98, 2383-2390. DOI: [10.1016/j.polymdegradstab.2013.07.017](http://dx.doi.org/10.1016/j.polymdegradstab.2013.07.017)

GESAMP. Sources, fate and effects of microplastics in the marine environment: A global assessment. Joint Group of Experts on the Scientific Aspects of Marine Environmental Protection. Retrieved from: http://ec.europa.eu/environment/marine/good-environmental-status/descriptor-10/pdf/GESAMP_microplastics%20full%20study.pdf. Accessed on December 12, 2017.

Gewert, B.; Plassmann, M. M.; MacLeod, M.. Pathways for degradation of plastic polymers floating in the marine environment. 2015. Environmental. Science.: Processes & Impacts, 17,1513–1521. doi: 10.1039/c5em00207a

Gregory, M.R. Environmental implications of plastic debris in marine settings—entanglement, ingestion, smothering, hangers-on, hitch-hiking and alien invasions. 2009. Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences, 364 , 2013–2025. DOI: 10.1098/rstb.2008.0265

Giarrizzo, T.; U. Krumme. Heterogeneity in intertidal fish fauna assemblages along the world's longest mangrove area in northern Brazil. 2008. Journal of Fish Biology, 72: 773-779. DOI: 10.1111/j.1095-8649.2007.01728.x

Gulmine, J. V.; Janisse k, P. R.; Heise, H. M.; Akcelrud, L. Polyethylene characterization by FTIR. 2002. Polymer Testing, 21, 5, 557-563. doi:10.1016/S0142-9418(01)00124-6.

Hidalgo-Ruz, V.; Gutow, L.; Thompson, R. C.; Thiel, M. Microplastics in the marine environment: A review of the methods used for identification and quantification. 2012. *Environmental Science & Technology*, 46, 3060–3075. doi:10.1021/es2031505.

Holmes, L. A.; Turner, A.; Thompson, R. C. Adsorption of trace metals to plastic resin pellets in the marine environment. 2012. *Environmental Pollution*, 160, 42-48. <https://doi.org/10.1016/j.envpol.2011.08.052>.

Hopewell, J.; Dvorak, R.; Kosior, E. Plastics recycling: challenges and opportunities. 2009. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, 364, 2115–2126. doi: 10.1098/rstb.2008.0311

Ivar do Sul, J. A.; Costa, M. F. Marine debris review for Latin America and the Wider Caribbean Region: From the 1970s until now, and where do we go from here? 2007. *Marine Pollution Bulletin*, 54, 1087-1104. Doi:10.1016/j.marpolbul.2007.05.004

Ivar do Sul, J. A.; Costa, D. M. F. The present and future of microplastic pollution in the marine environment. 2014. *Environmental Pollution*, 185, 352–364. <https://doi.org/10.1016/j.envpol.2013.10.036>

Jabeen, K.; Lei, S.; Li, J.; Dongqi, Y.; Tong, C.; Jingli, M.; Shi, H. Microplastics and mesoplastics in fish from coastal and fresh waters of China. 2017. *Environmental Pollution*, 221, 141-149. <http://dx.doi.org/10.1016/j.envpol.2016.11.055>.

Jambeck, J. R.; Geyer, R.; Wilcox, C.; Siegler, T. R.; Perryman, M.; Andrady, A.; Narayan, R.; Law, K. L. Plastic waste inputs from land into the ocean. 2015. *Science*, 347, 768-771. DOI: 10.1126/science.1260352

Kauffman, G. B. Rayon. The first Semi-Synthetic Fiber Product. *Products of chemistry* (1993), 70, 11.

Kaur, I., Sharma, N., Kumari, V. Modification of fiber properties through grafting of acrylonitrile to rayon by chemical and radiation methods. 2013. *Journal of Advanced Research*, 4, 547-557. <https://doi.org/10.1016/j.jare.2012.11.003>

Kong, J.; Yu, S. Fourier transform infrared spectroscopic analysis of protein secondary structures. 2007. *Acta biochimica et biophysica Sinica*, 39, 549-559. DOI: 10.1111/j.1745-7270.2007.00320.x

Kottek, M.; Grieser, J.; Beck, C.; Rudolf, B.; Rubel, F. World Map of the Köppen-Geiger climate classification updated. *Meteorologische Zeitschrift*, 15, 259-263. DOI: 10.1127/0941-2948/2006/0130

Krumme, U.; Giarrizzo, T.; Pereira, R.; Silva de Jesus, A. J.; Schaub, C.; Saint-Paul, U. Airborne synthetic-aperture radar (SAR) imaging to help assess impacts of stationary fishing gear on the north Brazilian mangrove coast. 2015. *ICES Journal of Marine Science*, 72, 939–951. doi:10.1093/icesjms/fsu188.

Kwei, E. Food and spawning activity of *Caranx hippos* off the coast of Ghana. 1978. *Journal of Natural History*, 12, 195-215. <https://doi.org/10.1080/00222937800770081>

Laist, D.W. Impacts of marine debris entanglement of marine life in marine debris including a comprehensive list of species with entanglement and ingestion records. 1997. In: Coe, J.M., Rogers, D.B. (Eds.), *Marine Debris—Sources, Impact and Solutions*. Springer-Verlag, New York, pp. 99–139. DOI: https://doi.org/10.1007/978-1-4613-8486-1_10

Lana, P. C.; Camargo, M. G.; Brogim, R. A.; Isaac, V. J. Os Bentos da Costa Brasileira: avaliação crítica e levantamento bibliográfico , 1858-1996. 1996. Rio de Janeiro: FEMAR, 431p.

Lebreton, L. C. M.; Greer, S. D.; Borrero, J. C. Numerical modelling of floating debris in the world's oceans. 2012. *Marine Pollution Bulletin*, 64, 653–661. <https://doi.org/10.1016/j.marpolbul.2011.10.027>

Lebreton, L. C. M.; Van der Zwet, J.; Damsteeg, J. W.; Slat, B.; Andrady, A.; Reisser, J. River plastic emissions to the world's oceans. 2017. *Nature Communications*, 8, 15611, doi: 10.1038/ncomms15611

Lechner, A.; Keckeis, H.; Lumesberger-Loisl, F.; Zens, B.; Krusch, R.; Tritthart, M.; Glas, M.; Schludermann, E. The Danube so colourful: a potpourri of plastic litter outnumbers fish larvae in Europe's second largest river. 2014. *Environmental Pollution*, 188, 177–181. <http://dx.doi.org/10.1016/j.envpol.2014.02.006>.

Li-Ling, C., Identification of textile fiber by Raman microspectroscopy. 2007. *Forensic Science Journal*, 6, 55-62. Available online at: fsjournal.cpu.edu.tw

Lusher, A. L.; McHugh, M.; Thompson, R. C. Occurrence of microplastics in the gastrointestinal tract of pelagic and demersal fish from the English Channel. 2012. *Marine Pollution Bulletin*, 67, 94-99. <http://dx.doi.org/10.1016/j.marpolbul.2012.11.028>.

Mahdi, H.A. An FTIR Study of Characterization of Neat and UV Stabilized Nylon 6,6 Polymer Films. 2011. *Pure & Applied Science*, 24.

Marceniuk, A. P.; Caires, R. A.; Wosiacki, W. B.; Di Dario, F. Knowledge and conservation of the marine and estuarine fishes (Chondrichthyes and Teleostei) of the north coast of Brazil. 2013. *Biota Neotropica*, 13, 251-259. <http://www.biotaneotropica.org.br/v13n4/en/abstract?inventory+bn02613042013>

McGoran, A. R.; Clark, P. F.; Morritt, D. Presence of microplastic in the digestive tracts of European flounder, *Platichthys flesus*, and European smelt, *Osmerus eperlanus*, from the River Thames. 2017. *Environmental Pollution* 220, 744 e 751. <https://doi.org/10.1016/j.envpol.2016.09.078>

Mecozzi, M.; Pietroletti, M.; Monakhova, Y.B.. FTIR spectroscopy supported by statistical techniques for the structural characterization of plastic debris in the marine environment: Application to monitoring studies. 2016. Marine Pollution Bulletin, 106, 155-161. DOI: [10.1016/j.marpolbul.2016.03.012](https://doi.org/10.1016/j.marpolbul.2016.03.012).

Meyer, C. G.; Holland, K. N.; Wetherbee, B. M.; Lowe, C. G. Diet, resource partitioning and gear vulnerability of Hawaiian jacks captured in fishing tournaments. 2001. Fisheries Research, 53, 105-113. [https://doi.org/10.1016/S0165-7836\(00\)00285-X](https://doi.org/10.1016/S0165-7836(00)00285-X)

Miranda, D. A.; Carvalho-Souza, G. F. Are we eating plastic-ingesting fish?. 2016. Marine Pollution Bulletin, 103, 109-114. <http://dx.doi.org/10.1016/j.marpolbul.2015.12.035>.

Mizraji, R.; Ahrendt, C.; Pérez-Venegas, D.; Vargas, J.; Pulgar, J.; Aldana, M.; Ojeda, F. P.; Duarte, C.; Galbán-Malagón, C. Is the feeding type related with content of microplastics in intertidal fish gut?. 2017. Marine Pollution Bulletin, 116, 498-500. <http://dx.doi.org/10.1016/j.marpolbul.2017.01.008>

Moore, C. J. Synthetic polymers in the marine environment: a rapidly increasing long-term threat. 2008. Environmental Research, 108, 131-139. <https://doi.org/10.1016/j.envres.2008.07.025>

Moura, R. L.; Amado-Filho, G. M.; Moraes, F. C.; Brasileiro, P. S.; Salomon, P. S.; Mahiques, M. M.; Bastos, A. C.; Almeida, M. G.; Silva-Jr, J. M.; Araújo, B. F.; Brito, F. P.; Oliveira, B. C. V.; Bahia, R. G.; Paranhos, R. P.; Dias, R. J. S.; Siegle, R.; Figueiredo-Jr, A. B. G.; Pereira, R. C.; Leal, C. V.; Hajdu, E.; Asp, N. E.; Gregoracci, G. B.; Neumann-Leitão, S.; Yager, P. L.; Francini-Filho, R. B.; Fróes, A.; Campeão, M.; Silva, B. S.; Moreira, A. P. B.; Oliveira, L.; Soares, A. C.; Araújo, L.; Oliveira, N.L.; Teixeira, J. B.; Valle, R. A. B.; Thompson, C. C.; Rezende, C. E.; Thompson, F. L. An extensive reef system at the Amazon River mouth. 2016. Science Advances, 2, e1501252. DOI: 10.1126/sciadv.1501252

Naidoo, T.; Glassom, D.; Smit, A. J. Plastic ingestion by estuarine mullet, *Mugil cephalus* (L. 1758), in an urban harbour, KwaZulu-Natal, South Africa. 2016. African Journal of Marine Science, 38, 145-149. <https://doi.org/10.2989/1814232X.2016.1159616>

Neiva G.S.; Moura, S.J.C., 1977. Sumário sobre exploração de recursos marinhos do litoral brasileiro: situação atual e perspectivas. Programa de Pesquisa e Desenvolvimento Pesqueiro do Brasil. Série Documentos Ocasionais, Brasília, 27, 1-48.

Neves, D.; Sobral, P.; Ferreira, J. L.; Pereira, T. Ingestion of microplastics by commercial fish off the Portuguese coast. 2015. Marine Pollution Bulletin, 101, 119-126. <http://dx.doi.org/10.1016/j.marpolbul.2015.11.008>.

Nittrouer, C. A.; Brunskill, G. J.; Figueiredo, A.G. Importance of tropical coastal environments. 1995. Geo-Marine Letters, 15, 121-126. DOI: 10.1007/BF01204452

Oehlmann, J.; Schulte-Oehlmann, U.; Kloas, W.; Jagnytsch, O.; Lutz, I.; Kusk, K.O.; Wollenberger, L.; Santos, E.M.; Paull, G.C.; Van Look, K.J.W.; Tyler, C.R. A

critical analysis of the biological impacts of plasticizers on wildlife. 2009. Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences, 364, 2047-2062. <https://doi.org/10.1098/rstb.2008.0242>

Ogata, Y.; Takada, H.; Mizukawa, K.; Hiraia, H.; Iwasaa, S.; Endo, S.; Mato, Y.; Saha, M.; Okuda, K.; Nakashima, A.; Murakami, M.; Zurcher, N.; Booyatumanondo, R.; Zakaria, M. P.; Dung, L. Q.; Gordon, M.; Miguez, C.; Suzuki, S.; Moore, C.; Karapanagiotik, H. K.; Weerts, S.; McClurg, T.; Burres, E.; Smith, W.; Van Velkenburg, M.; Lang, J. S.; Lang, R. C.; Laursen, D.; Danner, B.; Stewardson, N.; Thompson, R. C. International PelletWatch: global monitoring of persistent organic pollutants (POPs) in coastal waters. 1. Initial phase data on PCBs, DDTs, and HCHs. 2009. Marine Pollution Bulletin, 58, 1437–1446. doi: 10.1016/j.marpolbul.2009.06.014

Oltman, R.E. Reconnaissance investigation of discharge and water quality of the Amazon River. 1968. US. Geological Survey Circular 552, Washington DC, p.16.

Ory, N. C.; Sobral, P.; Ferreira, J. L.; Thiel, M. Amberstripe scad *Decapterus muroadsi* (Carangidae) fish ingest blue microplastics resembling their copepod prey along the coast of Rapa Nui (Easter Island) in the South Pacific subtropical gyre. 2017. Science of the Total Environment 586, 430–437. doi: 10.1016/j.scitotenv.2017.01.175

Park, C. H.; Kang, Y. K.; Im, S. S. Biodegradability of cellulose fabrics. 2004. Journal of Applied Polymer Science, 94, 248–253. <http://dx.doi.org/10.1002/app.20879>.

Pereira, L. C. C.; Dias, J. A.; Do Carmo, J. A.; Polette, M. A. Zona Costeira Amazônica Brasileira/ The Brazillian Amazon Coastal Zone. 2009. Revista de Gestão Costeira Integrada / Journal of Integrated Coastal Zone Management, 9,3-7. DOI: 10.5894/rgci172

Petters, C. A.; Bratton, S. P. Urbanization is a major influence on microplastic ingestion by sunfish in the Brazos River Basin, Central Texas, USA. 2016. Environmental Pollution, 210, 380-387. doi: 10.1016/j.envpol.2016.01.018.

Phillips, M. B.; Bonner, T. Occurrence and amount of microplastic ingested by fishes in watersheds of the Gulf of Mexico. 2015. Marine Pollution Bulletin, 100, 264-269. <https://doi.org/10.1016/j.marpolbul.2015.08.041>

Possatto, F. E.; Barletta, M. Costa, M. F.; Ivar do Sul, J. A.; Dantas, D. V. Plastic debris ingestion by marine catfish: An unexpected fisheries impact. 2011. Marine Pollution Bulletin, 62, 1098–1102. <https://doi.org/10.1016/j.marpolbul.2011.01.036>

R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. URL <https://www.R-project.org/>.

Ramos, J. A. A.; Barletta, M.; Costa, M. F. Ingestion of nylon threads by Gerreidae while using a tropical estuary as foraging grounds. 2012. Aquatic Biology, 17, 29–34. doi: 10.3354/ab00461.

Reuben, S.; Kasim, H. M.; Sivakami, S.; Radhakrishnan, P. N.; Kurup, K. N.; Sivadas, M.; Noble, A.; Nair, K. V. S.; Raje, S. G. Fishery, biology and stock

assessment of Carangid resources from the Indian seas. 1992. Indian Journal of Fisheries, 39,195-234. <http://eprints.cmfri.org.in/id/eprint/526>

Rochman, C.M.; Hoh, E.; Kurobe, T.; Teh, S.J. Ingested plastic transfers hazardous chemicals to fish and induces hepatic stress. 2013. Scientific Reports, 3, 3263. <https://doi.org/10.1038/srep03263>

Rochman, C. M.; Tahir, A.; Williams, S. L.; Baxa, D. V.; Lam, R.; Miller, J. T.; Teh, F. C.; Werorilangi, S.; Teh, S. L. Anthropogenic debris in seafood: Plastic debris and fibers from textiles in fish and bivalves sold for human consumption. 2015. Scientific Reports, 5, 14340. DOI: 10.1038/srep14340.

Romeo, T.; Battaglia, P.; Peda, C.; Consoli, P.; Andaloro, F.; Fossi, M. C. First evidence of presence of plastic debris in stomach of large pelagic fish in the Mediterranean Sea. 2015. Marine Pollution Bulletin, 95, 358-361. <http://dx.doi.org/10.1016/j.marpolbul.2015.04.048>.

Ryan, P. G.; Moore, C. J.; Van Franeker, J. A.; Moloney, C. L. Monitoring the abundance of plastic debris in the marine environment. 2009. Philosophical Transactions of the Royal Society B 364, 1999–2012. doi:10.1098/rstb.2008.0207

Sancho, G. Predatory behaviors of *Caranx melampygus* (Carangidae) feeding on spawning reef fishes: a novel ambushing strategy. 2000. Bulletin of Marine Science 66, 487–496. <https://www.researchgate.net/publication/233698439>

Seltenrich, N. New link in the food chain? Marine plastic pollution and seafood safety. 2015. Environmental Health Perspectives, 123, A34. . doi: 10.1289/ehp.123-A34.

Stabholz, M.; Durrieu de Madron, X.; Canals, M.; Khripounoff, A.; Taupier-Letage, I.; Testor, P.; Heussner, S.; Kerhervé, P.; Delsaut, N.; Houpert, L.; Lastras, G.; Dennielou, B. Impact of open-ocean convection on particle fluxes and sediment dynamics in the deep margin of the Gulf of Lions. 2013. Biogeosciences, 10, 1097–1116. doi:10.5194/bg-10-1097-2013

Silva-Cavalcanti, J. S.; Silva, J. D. B.; França, E. J.; Araújo, M. C. B.; Gusmão, F. Microplastics ingestion by a common tropical freshwater fishing resource. 2017. Environmental Pollution 221, 218-226. <https://doi.org/10.1016/j.envpol.2016.11.068>

Schmidt, C.; Krauth, T.; Wagner, S. Export of plastic debris by rivers into the sea. 2017. Environmental Science & Technology, 51, 12246-12253. DOI: 10.1021/acs.est.7b02368

Srinivasa Reddy, M.; Basha, S.; Adimurthy, S.; Ramachandraiah, G. 2006. Description of the small plastics fragments in marine sediments along the Alang-Sosiya ship-breaking yard, India. Estuarine, Coastal and Shelf Science, 68, 656-660. DOI: [10.1016/j.ecss.2006.03.018](https://doi.org/10.1016/j.ecss.2006.03.018)

Talley, J. W.; Ghosh, U.; Tucker, S. G.; Furey, J. S.; Luthy, R. G. Particle-scale understanding of the bioavailability of PAHs in sediments. 2002. *Environmental Science & Technology*, 36, 477-483. DOI: 10.1021/es010897f

Teuten, E. L.; Saquing, J. M.; Knappe, D. R. U.; Barlaz, M. A.; Jonsson, S.; Björn, A.; Rowland, S. J.; Thompson, R. C.; Galloway, T. S.; Yamashita, R.; Ochi, D.; Watanuki, Y.; Moore, C.; Viet, P. H.; Tana, T. S.; Prudente, M.; Boonyatyanond, R.; Zakaria, M. P.; Akkhavong, K.; Ogata, Y.; Hirai, H.; Iwasa, S.; Mizukawa, K.; Hagino, Y.; Imamura, A.; Saha, M.; Takada, H. Transport and release of chemicals from plastics to the environment and to wildlife. 2009. *Philosophical Transactions of the Royal Society B*, 364, 2027–2045 doi:10.1098/rstb.2008.0284

Timmers, M. A.; Kistner, C. A.; Donohue, M. J. Marine Debris of the Northwestern Hawaiian Islands: Ghost Net Identification. 2005. U.S. Dept of Commerce, National Oceanic and Atmospheric Administration, National Sea Grant College Program, 31 pages. ark:/86086/n20864gx cuwr_conservancy_001_3714 .

UNEP. 2014. UNEP Year Book 2014: Emerging issues update. United Nations Environment Programme, Nairobi, Kenya.

Van Cauwenberghe, L.; Claessens, M.; Vandegehuchte, M. B.; Janssen, C. R. Microplastics are taken up by mussels (*Mytilus edulis*) and lugworms (*Arenicola marina*) living in natural habitats. 2015. *Environmental Pollution*, 199, 10-17. <http://dx.doi.org/10.1016/j.envpol.2015.01.008>

Vendel, A. L.; Bessa, F.; Alves, V. E. N.; Amorim, A. L. A.; Patrício, J.; Palma, A. R. T. Widespread microplastic ingestion by fish assemblages in tropical estuaries subjected to anthropogenic pressures. 2017. *Marine Pollution Bulletin*, 117, 448-455. <http://dx.doi.org/10.1016/j.marpolbul.2017.01.081>.

Woodall, L. C.; Sanchez-Vidal, A.; Canals, M.; Paterson, G. L. J.; Coppock, R.; Sleight, V.; Calafat, A.; Rogers, A. D.; Narayanaswamy, B. E.; Thompson, R. C. The deep sea is a major sink for microplastic debris. 2014. *The Royal Society Open Science*, 1, 140317. DOI: 10.1098/rsos.140317

Wolff, M; Koch, V.; Isaac, V. A trophic flow model of the Caeté mangrove estuary (North Brazil) with considerations for the sustainable management of its resources. 2000. *Estuarine, Coastal and Shelf Science*, 50, 789-803. <https://doi.org/10.1006/ecss.2000.0611>